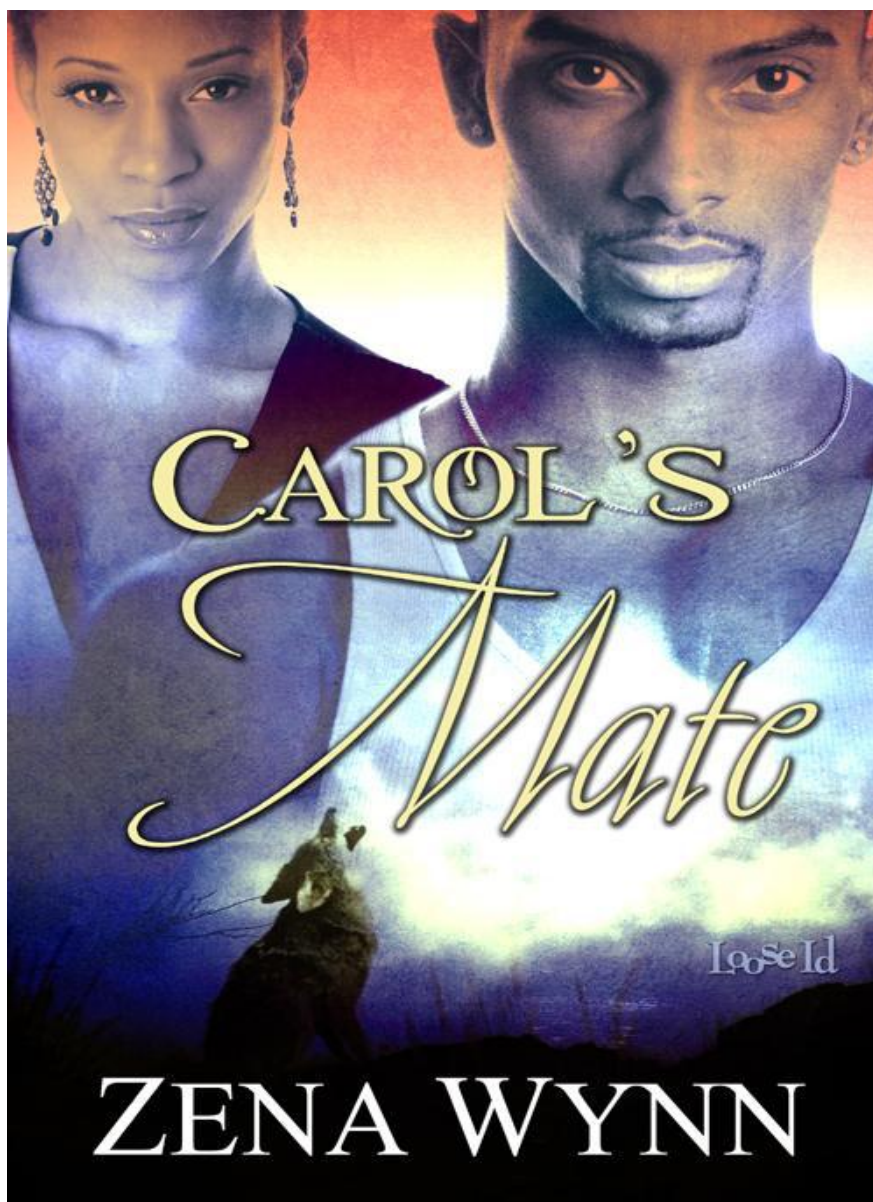




O Companheiro de Carol

"True Mates" livro 05

Zena Wynn

Pesquisa e Disponibilização: A.S.Candido

Tradução e Revisão Inicial: A.S. Candido

Revisão Final e Formatação: Paulinha



Carol's Mate

Zena Wynn

2010©

A vida acontece quando você menos espera...

Sinopse

Carol Scott tinha tudo planejado. Ela terminaria os seus estudos, faria o seu estágio, e voltaria ao Refúgio para ajudar a dirigir o centro médico que estava sendo construído pelo seu bando, Havens. Quando fosse a hora certa, ela iria escolher um macho de seu bando para acasalar, e gerar alguns filhotes, e a vida continuaria - bela, arrumada, e organizada, do modo como ela gostava.

Então ela conhece Mark Johnson, sexy, bonito... um humano. Proibido. Um homem que não levava um "não" como resposta. Ele mexia com seus sentidos e até faz o seu lobo senta-se e prestar atenção. O que uma garota deveria fazer? Obedecer às regras ou seguir o seu coração e que se dane as conseqüências?

Porém a escolha a ser tomada estava nas suas mãos.

Capítulo Um

Carol Scott atravessou o campus, com a mochila pendurada no ombro e o rosto levantado para o sol quente. Ela amava tanto quanto odiava essa época do ano. A brisa fresca e quente, combinada com céu claro, muito sol, e temperaturas frias, era maravilhoso estar do lado de fora.

Geralmente, era uma dor estar trancada, fechada dentro de edifícios sufocantes e quente com o cheiro de irresistíveis perfumes, produtos químicos, e o odor de corpos. Às vezes era difícil ser um shifter. Agora era um daqueles momentos.

Ela parou, fechou os olhos e respirou fundo.

Nada além de pinheiros, terra e sol. Era muito bom. Tão maravilhoso, ela estava de volta.

Desta vez, juntamente com o aroma de limpeza, outro perfume chegou até ela. Um que deixou seus sentidos zumbindo. Ela se virou, tentando localizar da onde vinha este cheiro delicioso.

Lá, na parte central do campus em forma de roda, um grupo de homens que estavam jogando futebol. Não que ela pudesse culpá-los. Mas este clima era perfeito para isso. Em algum lugar no meio do grupo de jogadores era de onde emanava o cheiro. Carol sacudiu a cabeça e forçou a manter os pés a andarem.

Aqueles homens eram humanos. Ignorando a decepção que sentia, lembrou a si mesma, que não seria aqui o lugar para encontrar um companheiro. Ela só tinha mais alguns semestres na escola, depois seu estágio antes de conseguir sua graduação. Esse era o seu objetivo primordial.

Todo o resto teria de esperar.

—Cuidado!

Instintivamente Carol girou, e se esticou e pegou a bola num espiral em direção a sua cabeça com o braço. Ajustando seu agarro, ela atirou de volta para o cara que estava correndo para ela, então continuou.

—Espere!

Suspirando profundamente, ela parou para ver o que ele queria.

—Aquilo foi.. Um bom braço que você tem. —Disse ele enquanto ele corria para mais perto. —Você pegou a bola bem no ar.

Carol deu de ombros.

—Anos jogando bola com os meus ba-primos. —Merda, ela quase disse bando. Hora de ir. Ela girou e fez como se fosse seguir em frente.

—Não vá.

Ele colocou uma mão em seu braço. Quando ela olhou para ele, ele se apressou a retirar.

—Nós só temos homens. Mas poderíamos usá-la em nossa equipe.

Ela já estava balançando a cabeça.

—Eu acho que não.

Jogar com o bando era uma coisa. Com esses caras? Era algo diferente.

—Vamos! —Ele apelou. —Nós realmente precisamos da sua ajuda. Nós "estamos ficando cansados."

Deu-lhe um sorriso cativante que mostrou um monte de dentes. Carol mordeu o lábio de indecisão. Ela adorava futebol, e já tinha passado um tempo desde que ela tinha jogado. Enquanto ela debatia, um outro cara veio correndo.

—Por que a demora?

—Eu estou tentando levá-la... Qual é seu nome? ...Para jogar no nosso time.

—Meu nome é Carol. —Respondeu ela.

—Eu sou Otis e este palhaço aqui é Brad. Então o que você me diz? —Otis perguntou.

—Você tem certeza que os outros caras não se importam?

Brad riu.

—Não vai doer nada. Pode até ajudar.

Otis ainda tinha um olhar suplicante em seu rosto. Carol lançou um olhar rápido para o relógio.

—Ok, tudo bem. Mas só por pouco tempo.

Ela só precisava ter cuidado para não fazer nada de suspeito. Otis deu-lhe um sorriso enorme de prazer.

—Ótimo. Venha. Eu vou apresentá-la para o resto dos caras.

À medida que aderiu ao grupo, Otis fez as apresentações.

—Gente, essa é a Carol. Carol... —Ele apontou para cada um enquanto ele dizia seu nome.

—Este é Kevin, José, Pete e Mike. Ela concordou em nos ajudar. Carol, em que posição você joga?

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Qual você precisa?

—Ooooo, eu gosto dela. —Disse Brad, e um dos outros caras. —José? —a empurrou.

—Você gosta de todas as mulheres! —José disse a ele.

Ignorando a sua mímica, Otis continuou.

—Bem, nós realmente precisamos de um quarter. Kevin está indo bem, mas eu acho que você tem um melhor braço. Brad, você e Jose vão receber. Pete e Mike irá bloquear. Kevin, você será o centro, e eu corredor. Ok?

—O quanto estamos por baixo? —Carol perguntou.

—Por doze pontos. —Disse Kevin.

—Nós estivemos rodando com a bola, porque eles cortam sempre que eu jogo.

—Eu vou manter isso em mente.

Quando eles entraram em formação, a equipe adversária começou a vaiá-los.

—O quê, um bando de maricas. Você tiveram que chamar uma garota para vir ajudá-los?

Outro fizeram ruídos de beijos.

—Tem certeza que quer jogar, boneca? Nós não queremos que você se machuque. Isto não é um jogo de bandeira para maricas.

Carol revirou os olhos e concentrou-se no tempo.

—Um, dois, três, atacar!

Ela pegou a bola e dançou para trás, com os olhos focados em seus dois receptores correndo pelo campo, sob a pesada cobertura. Usando reflexos de um shifter, ela se esquivou dos corpos no ar passando pelos bloqueadores, que dançavam um em torno do outro, e, não vendo nenhuma saída, colocou a bola mais perto e saiu correndo para os marcadores para a zona final. Lembrando-se que ela deveria parecer humana, ela manteve a velocidade dentro do reino de credibilidade, mas ainda mais rapidamente ultrapassando todos, os deixando atrás dela e cruzou para a zona final com jardas de sobra entre ela e seu mais próximo perseguidor.

Carol cravou a bola e permitiu-se uma pequena dança da vitória quando seus colegas de equipe se encontraram com ela.

—Caramba, mulher, você é rápida! —Disse Otis soprando.

—Eu corria no ensino médio!

Carol disse-lhes. Isso não era verdadeiro, mas isso explicaria sua rapidez.

—Tudo bem, tudo bem. Você tem algumas habilidades. —Disse um dos caras que tinha vaiado anteriormente. Depois disso, as coisas se moviam rapidamente. Carol perdeu a noção do tempo sendo pega na competitividade do esporte. Com sua ajuda, sua equipe encontrou uma

nova energia e movimentação, obrigando a equipe adversária a virar o jogo também.

Logo, o placar estava empatado num impasse que nenhuma equipe parecia capaz de quebrar. A equipe de Carol tinha a bola. E num movimento ousado, ela enviou cinco dos caras correndo pelo campo abaixo, deixando apenas Kevin bloqueando ela.

Ela voltou a correr com os olhos severamente focados em seus homens, à espera de uma abertura. Kevin foi abaixo, e ela teve que lutar. Bem quando ela pensou que teria que correr com a bola mesma, ela notou que Mike estava aberto. Apontando para o peito dele, ela recuou o braço e lançou a bola como um tiro de bala de uma arma. Segundos depois, um corpo pesado se chocou contra ela, derrubando-a no chão.

Carol não sabia o que a atordou mais: o golpe ou o delicioso aroma de suor, do grande corpo masculino prendendo o seu corpo contra a terra. Nenhum macho não-shifter deveria cheirar tão bem. Ele cheirava como um companheiro de verdade, mas isso era impossível. Shifters não poderiam acasalar com seres humanos, não mais. Eles eram incompatíveis com sua espécie, e ela queria ter filhos um dia.

Ela podia sentir o seu animal se agitando, desperto sem dúvida, pelo seu cheiro tentador. Carol empurrou seus ombros, tentando tirá-lo antes que ela fizesse algo estúpido, como o lambar da cabeça aos pés.

—Você está bem? Eu não quis bater tão duro. —disse ele.

—Eu estou bem. Ou estarei assim que você se mover. Você é um cara pesado.

Na verdade, ela estava curtindo o peso de seu corpo um pouco demais. Seria ainda melhor se eles estivessem nus. Ela conteve um gemido quando ela imaginou a cena.

—Oh, me desculpe.

Ele ficou de pé e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. Carol fingiu não notar. Ao contrário, ela rolou sobre seus joelhos e lentamente se levantou aos pés dela.

—Tem certeza que você não está machucada?

—Sim, só uma pouco dura. —Assegurou ela.

Ela poderia ficar um pouco dolorida depois. Ele pode ser humano, mas ele bateu como um da sua espécie. Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, seus companheiros a cercava. Depois que eles tiveram a certeza de que ela estava bem, e a enchiam com uma repetição do touchdown. Ela cumprimentou a todos, e com um olhar no relógio, anunciou que ela tinha que ir.

—Eu tenho uma tonelada de dever para fazer hoje à noite, e agora eu estou atrasada.

Com sua partida, o jogo acabou, com chamadas para uma desforra em breve sondaram no ar. Ela pegou sua mochila, jogou por cima do ombro e foi mais uma vez para o estacionamento dos alunos. A meio caminho de seu destino, ela ouviu uma voz gritando:

—Carol, espere.

Ai caramba. Era o Sr. cheiro delicioso. Não era apenas seu cheiro que era bom, mas ele era como um cara atraente. Tão escuro como uma barra de chocolate ao leite, ele era bonito o suficiente para dar Blair Underwood um bom funcionamento para seu dinheiro. Em outras palavras, ele era um problema, e ela estava muito interessada.

Ela ergueu seu queixo e fingiu não ouvi-lo enquanto ela sutilmente pegou o ritmo. Ele veio correndo até ela e trazia um tecido azul com aparência familiar.

—Você esqueceu o seu capuz.

Ela por acaso deu uma rápida olhada em seu rosto quando chegou até ele.

—Obrigado. Eu teria procurado por ele mais tarde.

—Meu nome é Mark Johnson. —Disse ele quando pegou o passo com ela.

Ela não pode deixar de perceber que ele era perfeito para sua própria estatura uns 5 por 11. Enquanto ela era magra, ele tinha o corpo de um grande shifter, com muitos músculos.

—Carol Scott. —Ela respondeu automaticamente, então queria bater nela mesma. Ele já sabia o nome dela. Para cobrir seu embaraço, ela girou em torno de sua bolsa e tirou as chaves do

bolso da frente.

—Diga, você quer tomar uma xícara de café qualquer dia ou talvez ver um filme junto, comigo? —Perguntou ele.

—Não.

Ele parou.

—Não?

Ela continuou caminhando, lutando contra um sorriso. Ele rapidamente a acompanhou novamente.

—Você está saindo com alguém?

—Não.

—Então, qual é o problema? —Ele perguntou, como se fosse incapaz de acreditar que ela o recusou. Hmm, muito arrogante para seu próprio bem. Carol finalmente parou e olhou para ele.

—Eu estou aqui para obter uma educação, não para encontrar um namorado ou um marido.

—Que tal um amigo? Você pode aceitar um desses?

—Como você... —Iniciando seu olhar pelo seus pés, vestia tênis de marca, ela passou o seu olhar para o seu corpo: pernas longas e grossas, coxas musculosas recheando um jeans com as costuras brancas; caimento na cintura e barriga lisa, que revelou uma dica de seus músculos sob a camiseta preta apertada, que ele usava; Tinha um peito enorme com peitorais claramente definidos; Ombros largos, pescoço forte e rosto que parecia melhor quanto mais ela olhava para ele. Algo da atração que ela estava sentindo deve ter refletido na sua expressão, porque ele se ajeitou e deu um pequeno passo determinado.

—Não. —Ela declarou com firmeza, respondendo tanto a questão, quanto a sua intenção sexual de um homem nobre na espreita, ela podia ver isso em seu rosto. Com isso, ela girou e saiu, mas não antes que ela visse o pequeno sorriso sexy rastejando em seu rosto...

* * *

Ela voltou ao presente para ver o mesmo sorriso sexy no rosto do seu parceiro enquanto ele a observava.

—Feliz Natal, linda.

—Feliz Natal, para você também. —Ela respondeu com um sorriso.

—Onde você estava? Você parecia estar há um milhão de milhas de distância.

Ela virou para encará-lo, colocando um braço debaixo do travesseiro sob sua cabeça.

—Eu estava me lembrando do dia que nos conhecemos.

Mark gemeu ainda assim ele sorriu.

—O dia que você me deixou em chamas? Os caras me assediaram por semanas sobre isso.

Ela riu.

—Bem feito para você. Eu até mesmo não o conhecia e poderia dizer que era um jogador.

—Foi tudo por você, querida. —Ele disse em uma voz tão suave como seda.

—Viu o que eu quero dizer? —Ela o bateu com seu travesseiro.

Ele grunhiu de brincadeira e ela lutava para controlá-lo. Finalmente, após alguns momentos brigando, ele conseguiu arrebatá-la, mas ela o atirou ao chão. Ela fez cócegas, e ele gritou:

—Isso significa guerra!

Eles lutaram, fazendo uma bagunça na cama e lençóis. Carol rindo se rendeu, quando Mark a prendeu no colchão com as mãos sobre a cabeça.

—Eu me casei com uma mulher louca.

—Uma mulher louca que te ama muito.

—Não tanto quanto eu te amo. —Sua boca cobriu a dela. Como de costume, era como dar

uma faísca sobre um material inflamável. Ambos subiram em chamas. Não importava se estavam juntos há anos e fizeram amor inúmeras vezes. Cada vez que parecia como o primeira.

—Oh, baby, eu não posso ter o bastante da sua vagina. —Mark disse enquanto a penetrava.
—Foi feita apenas para mim. Diga que você sente o mesmo.

—Eu sinto. Ela gemeu.

—Eu não posso ter o bastante do seu pênis grande e grosso.

Ele rolou de costas, puxando-a com ele. O movimento repentino o desalojou.

—Me monte. Eu quero ver seus peitos saltam quando você chegar no seu prazer.

Carol espalhou os joelhos em cada lado dele para aproveitar bem, tomando posse de seu pênis, o guiou em sua abertura. Ela se impalou sobre ele, centímetro por centímetro, foi maravilhoso, com as costas arqueadas e a mão dele apoiado na coxa dela para seu equilíbrio.

—Você é tão sexy. Tome tudo de mim.

Carol tomou o seu doce tempo sobre ele, amando como estritava em sua abertura e como ele a enchia completamente. Uma vez que os seus pêlos pubianos acentaram, ela ordenou:

—Mova-se comigo.

—Baby o que você disser. Me diga o que você precisa.

—Profundo e duro, mas não muito rápido. —Ela instruiu.

Ela alcançou por trás dela para descansar as mãos sobre as coxas dele, sabendo a posição impulsionava seus seios de forma proeminente para ele. Ele gemia em apreciação, com o olhar colado em seus mamilos, que estavam apertadas e enrugada como se implorando por sua boca. Como ela abaixou sobre seu pênis num movimento circular, ele ergueu os quadris para cima. Sua posição permitiu irem profundamente com pouco esforço.

Assim ela começou a gemer, as garras saíram e as presas se mostraram. Mark rosnou, com os olhos brilhantes como ouro à luz baixa do quarto. Ambos estavam próximos. Ele raspou o seu clitóris com a ponta de sua garra, e ela veio, aos gritos. Apertando as mãos em seus quadris e usando o colchão como um trampolim, ela saltou para cima e para baixo no seu pau até que ele gritou em sua libertação. Ela caiu para a frente, estremecendo, em cima dele. Seus corações batiam em ritmo juntos.

Como sua respiração desacelerou, Mark balbuciou:

—Um Natal já muito feliz para mim. Depois disso, nada mais vai ser a cereja do bolo.

—Se eu soubesse que seria tão fácil assim, eu teriar salvo o meu dinheiro.

Em represália pelo seu atrevimento, ele deu um tapa na bunda dela. Ela fez cócegas para recomeçarem, e o amor começou tudo de novo. Hoje se preparava para ser um Natal muito feliz na verdade, ela pensou.

Capítulo Dois

Mark observou a sua esposa se vestir. Havia dias em que ele ainda não conseguia acreditar que essa mulher sexy, bonita, inteligente e talentosa lhe pertencia. Ela era mais do que ele sempre esperou. Mais do que merecia. Carol estava certa.

De volta ao dia que a conheceu, ele tinha sido um grande jogador. Ele era bonito, e ele sabia disso. Sempre se vestia bem e ele se portava de uma forma que chamava a mulher até ele. O militarismo só aumentou o seu apelo para o sexo oposto. Mulheres amavam um homem de uniforme.

Então ela apareceu e o arruinou para qualquer outra. Ele poderia deixá-la para o mundo. Ela pensava que ele estava brincando no início, mas todas as outras foram apenas umas práticas para estar com ela. Por causa delas, ele aprendeu como satisfazer uma mulher, de modo que quando a Carol surgiu, ele soube exatamente como agradá-la e mantê-la satisfeita. De jeito nenhum ela procuraria em outro lugar. Ele se certificou sempre dar a sua mulher tudo que ela queria e muito mais.

Mark lembrou-se da primeira vez que ele viu Carol. Ele estava jogando futebol com um grupo de rapazes, e ela se juntou à equipe adversária. Após quatro anos de serviço ativo no exército no programa de GI e um adicional de quatro anos servindo na reserva, ele não tinha problemas com mulheres fazendo o que a maioria dos caras considerado um esporte estritamente masculino. Dura e ágil, mesmo suando em suas calças de malha que estava usando, ele não teve dúvidas que ela pudesse cuidar de si mesma.

Ignorando seus companheiros de time, quando eles tentaram intimidá-la ao entrar no jogo, ele acomodou-se para jogar o esporte que tanto amava. Ele estava fazendo um bom trabalho em tratá-la como um dos caras até que ela tirou o casaco com capuz. Suas doces curvas foram reveladas e tiveram uma série de efeitos sobre ele.

Seus seios eram altos e firmes, e não parecia que ela estava usando um sutiã sob a camiseta azul-marinho. E ela, não parecia se impor muito para esconder os picos dos mamilos. E quando ela se agachou, a curva da bunda dela fez com que ele quisesse dar uma mordida nela. Ela tinha um traseiro perfeito. Não era muito grande, mas alto, forte, e definitivamente bom o suficiente para fazer um homem se sentar e tomar nota. Ele teve dificuldade em manter a cabeça no jogo depois disso.

Ele estava muito mais interessado em vê-la mover-se. Eles já haviam percebido que ela era rápida em seus pés, mas ela também era graciosa como uma gazela, com a capacidade de escapar por entre os dedos como água. Tinha um puro prazer de assistir. Sua cor era castanha, juntamente com seus olhos castanhos escuros com uma pitada de ouro, tinha buscado o seu olhar de novo e de novo. Tranças desenhadas ao longo do seu cabelo parecia ser real e não tecidos e caía em uma onda pelas costas, fazendo-o querer enredar os dedos com ele a puxando num beijo.

Ele nunca tinha estado tão fascinado por uma mulher. Então estavam no último jogo do dia, quando ele inesperadamente a abordou com força. Ele plenamente esperava que ela fosse esquivar dele como ela fez com qualquer um dos outros caras que haviam chegado no seu alcance, por isso que ele não havia se retido. Ele não soube quem ficou mais surpreso quando ricochetearam no chão antes de se chocarem num emaranhado de braços e pernas, se ela ou ele.

Imediatamente ele ficou preocupado que ele a tivesse machucado. Ele deveria ter pensado melhor. Apesar de sua aparência delicada, ela era durona. Quando ela deixou o jogo, logo depois, ele a seguiu e a convidou para um encontro, incapaz de se conter. E ela recusou. No começo, ele tinha ficado chocado.

Em 2008, ele era mais velho que a maioria dos estudantes universitários de tempo integral. Seu tempo no serviço militar lhe tinha dado um ar de competência e maturidade que um monte de outros caras não tinham na faculdade, assim como um porte, físico musculoso que ele havia mantido mesmo após da sua dispensa. Ele não tinha problema de ganhar companhia feminina, ele era atraente o bastante para o que as mulheres procuravam. Mas mesmo assim, ela disse que não.

Sem nenhuma explicação, ou nenhuma qualificação, só não. Ele a empurrou até que ela começou com alguma desculpa sobre estar se focando sua educação, mas o olhar que ela deu a ele... Ela o queria e o sentimento era mútuo. Ele determinou então, que ele a teria.

Isso acabou por ser mais fácil de dizer, do que fazer. Ela tinha o evitado a todo o momento. Recusou todos os convites. Nunca disse onde morava ou deu o número do seu telefone. Se ele aparecesse em algum lugar onde ela estava, ela saía logo depois. Teria que jogar duro para conseguir Carol. Ela realmente não estava interessada num relacionamento com ele ou qualquer outro cara. Mark sabia disso porque ele perguntou ao redor.

Ela não tinha saído com ninguém nos três ou quase quatro anos, que esteve no campus. Ele deveria tê-la deixado em paz. Deixado ela sozinha, mas não podia fazer isso. Era como se estivesse sendo conduzido a persegui-la e possuí-la. Ele conseguia entender por que a queria de uma forma que nunca quis outra fêmea. Agora sabia que tinha sido a febre acasalamento entrando em trabalho. Tinha o deixado louco. Tinha dificuldade para se concentrar nos seus estudos.

Finalmente, a encurralou...

* * *

—Olha, não entendo o porquê você que tem agido como se eu fosse um caçador enlouquecido. Faremos um acordo. Tome uma xícara de café comigo na sala de estudantes. Apenas um encontro. Gaste alguns minutos para me conhecer, e se, no final desse tempo, você ainda não estiver interessada, eu vou deixar você em paz.

Seu olhar era incerto.

—Você promete?

Neste ponto, ele estava além do seu ego. Tinha sido um pouco mais de seis semanas desde da primeira vez que se viram, e sua atração por ela estava ficando pior, e nem um pouco melhor. Talvez se pudesse se convencer que ela não estava sentindo isso também, ele poderia deixá-la em paz. Mas toda vez que ele a pegou desprevenida, quando achava que ele não estava olhando, pode ver uma fome de correspondência em seus olhos.

—Sim, eu prometo.

Deus o ajude a se controlar, porque estava no ponto onde pensava que nem uma ordem de restrição poderia fazê-lo se afastar dela.

—Tudo bem. —Embora ela concordou, ela ainda parecia hesitante. Antes que ela pudesse mudar sua de idéia, ele agarrou seu braço e a puxou para o salão de estudantes mais próximo. Ele comprou duas xícaras de café e guiou Carol para uma mesa de canto na parte de trás, onde poderiam ter um pouco de privacidade.

—Então o que você está estudando? —Perguntou ele.

—Agora eu estou no programa de enfermagem para ser uma enfermeira residente. Eu quero continuar meus estudos e se tornar uma enfermeira padrão.

—E qual é a diferença?

—Uma enfermeira padrão pode fazer mais. E você?

—Estou na escola de farmácia com especialização em gestão de negócios. Eventualmente eu desejo montar a minha própria farmácia.

—Sério? Como você se envolveu com isso?

—Eu gostei de medicina e sempre gostei de estudar as doenças e as drogas, mas não queria ser médico. Esta foi a melhor opção seguinte. E você?

—A minha cidade é pequena e sempre tem necessidade de pessoal médico treinado. Eu queria ajudar, e felizmente para mim, sempre tive um fascínio pela medicina e um desejo de ajudar as pessoas. —Explicou ela.

—Onde você mora? Perguntou ele.

—Numa pequena cidade há poucas horas aqui, no alto das montanhas. Eu duvido que você já ouviu falar dela. E você?

Ele tomou um gole de café antes de responder.

—Sou Originalmente de Philly. Me mudei quando fui posto de serviço aqui na Carolina do Norte e continuei indo à escola.

—Você foi militar? —Perguntou ela.

—Exército. Oito anos completos.

Carol brincava com os saquinhos de açúcar vazios sobre a mesa.

—Você quis voltar e estar com sua família?

—Não. Com as quadrilhas e outras coisas, minha mãe ficou feliz em me ver, fazer algo de mim mesmo. Ela ficaria chateada, se voltasse como o mesmo sem ter feito nada. Desde então sempre tive uma possibilidade e atendi o conselho dela e vir para cá em vez disso. Eu presumo que depois de receber seu diploma, você irá voltar para casa com a sua família?

Ela olhou por cima do ombro, com os olhos desfocados e um pouco triste.

—Meus pais morreram num acidente de carro quando eu tinha nove anos. Não há nenhuma outra família que eu conheça. Fui criada pelos meus tutores nomeados pelo tribunal.

—Isto é triste. —Estendeu a mão e tocou sua mão onde estava sobre a mesa, arrependido por trazer à tona o assunto. Ele poderia dizer que suas mortes ainda a incomodava.

O olhar de Carol encontrou com o dele.

—Sim, mas eu tive sorte. Eles me tratam como um deles, mesmo depois que eu fui um incomodo para eles.

—Eu tenho certeza que eles entenderam que você estava de luto.

Ela balançou a cabeça.

—Naquela época eu estava zangada com o mundo.

—Então você era filha única?

—A única dos meus pais, sim. Meus guardiões tem um filho que é mais velha que eu.

Ela deu uma gargalhada.

—Eu fiz da vida de Alex um inferno. Foi tão bom o quanto ele conseguiu, porém.

Ele sorriu.

—Parece que vocês dois são próximos.

—Agora somos. Mas naquela época...

Ela riu, sacudindo a cabeça. Mark riu com ela, entendendo completamente o que ela queria dizer. Ele era o mais velho de três irmãos e sabia o que os irmãos mais novos poderia ser um incomodo às vezes. A conversa fluía com facilidade entre eles, saltando de tema a tema. Antes que percebessem, já era noite, e o salão do estudante estava se preparando para fechar.

—Está ficando tarde. —disse Carol. —É melhor irmos.

—Irei levá-la até seu carro.

Ele pegou os copos vazios e os saquinhos e jogou no lixo.

—Não será preciso

—Eu vou andando com você até seu veículo. Está tarde e escuro. Isto não é uma opção.

—Tudo bem.

Quando eles chegaram ao seu carro, ele perguntou:

—Você estará ocupada no sábado? Eu pensei se poderia assistir um filme.

Carol ficou na porta, com uma mão apoiada no teto, e a outra na porta.

—Mark, você é um cara muito legal, e eu apreciei do nosso tempo juntos, mas eu ainda não mudei de idéia. Você e eu? —Ela balançou a cabeça. —Isto simplesmente não é uma boa idéia.

Não era isso que ele queria ouvir. Tendo gastos horas conversando com ela, ele estava mais do que nunca certo que ele a queria em sua vida. Ele chegou mais perto, a assaltando, ignorando como seus olhos se arregalaram e a maneira eles pareciam se expandir.

—Antes de tomar sua decisão final, é preciso levar isso em consideração.

Mark serpenteou uma mão em torno de sua nuca, a usado para trazê-la mais perto, e a beijou. Carol endureceu, e ele pensou que cometeu um erro. Em seguida, ela lançou um grunhido, pequeno e sexy e o beijou de volta. Sua boca se abriu, e ele imediatamente enfiou a língua dentro.

Seu gosto foi a sua cabeça tão rápido que deixou sua cabeça leve com todo o sangue em seu corpo reunido em seu pau. Ele estava dolorosamente duro em segundos. Mark a moveu de modo que suas costas estavam contra a porta traseira do carro, e a agarrou pelo traseiro que um dia ele queria apreciar e saborear, e a levantou até que seu sexo embalou sua dureza. Ele enterrou contra ela, deixando ela se sentir em detalhes gráficos o quanto ele a desejava. Ele esqueceu que estava em um estacionamento bem iluminado e que alguém poderia estar observando.

Ele deslizou suas mãos mais abaixo e íntimo, separando as suas coxas para que ele pudesse chegar mais perto. Então, ele divisou a perna de calça jeans, e a umidade aquecida sentia abrasadora para ele. Ela se arqueou contra ele, montando seu pênis enquanto fazia barulhinhos famintos, e sua sanidade escorregou um degrau. Mark sentiu um arranhão afiado pelas escavação de suas unhas em seus ombros, segundos antes que ela o empurrasse com força suficiente para que ele tropeçasse para trás num par de passos, a soltando completamente. Ele imediatamente estendeu a mão para ela novamente.

—Não. —Ela gritou forte. —Nós não podemos... Eu não posso...

Ela fechou os olhos, respirou profundo, estremecendo, e parecia lutar com ela. Suas mãos, pendiam ao seu lado, e estavam com os punhos tão apertados, que ele podia ver as veias pelo esforço. Ele não estava em muito melhor estado. Um pouco mais e ele a teria tomado onde eles estavam. Ele nunca ficou tão fora de controle então rápido tempo, com uma mulher antes. Mark deu um passo a mais para trás e virou-se parcialmente, dando a ambos o espaço que eles precisavam. Quando Carol finalmente abriu os olhos, ele estava respirando um pouco mais fácil e sentiu como se seu pau fosse estourar o zíper a qualquer momento.

—Isso não poderá voltar a acontecer novamente. —Ela disse uniformemente.

—Mas...

—Você prometeu. —Ela o lembrou.

Mark assentiu relutantemente, com medo de abrir a boca para que ele não pedisse para reconsiderar. Ela deslizou para o assento do motorista, e antes de fechar a porta, olhou para ele e disse:

—Eu sinto muito.

O inferno que sentia, ele sabia o que realmente ela quis dizer isso. Era um pobre consolo e ele a observou dirigir, o deixando com o pior caso de bolas azuis que ele alguma vez experimentou. Após esse incidente, ele tentou esquecer seu interesse, por ele mesmo, com outras mulheres. Ele não conseguiu muito bem. Ele saiu em alguns encontros, mas seu pênis se recusava a ganhar vida com mais ninguém. E um pensamento sobre ela o fazia duro como uma rocha. Bastava outra mulher se aproxima, e ele ficou mole como um trapo...

* * *

—Mark!

—Sim, querida? —Respondeu ele distraidamente, ainda no passado.

—Eu perguntei se você tinha o peru pronto para assar.

Ela olhou para ele no espelho enquanto ela colocava em sua orelha direita um dos brincos pequenos de diamante que ele tinha dado a ela como um presente de aniversário. Ele sorriu para ela.

—Não se preocupe, querida. Eu e Alex, nós temos tudo sob controle.

Sua esposa tinha a mania por controle, mas ele a amava de qualquer jeito, mesmo com suas tendências a TOC. Mark moveu por trás dela e colocou a mão em seu estômago.

—Eu quero que você relaxe e se mantenha calma hoje. Lembre-se você está carregando o nosso filho.

Ela revirou os olhos.

—Eu sou um shifter. Nós somos durões. Além disso, com Mona e Tom aqui, nós temos o bando inteiro correndo de dentro para fora da casa durante todo o dia. Haverá muito o que fazer do que simplesmente me sentar e relaxar.

—Sim, bem, eu sou humano, e este é meu primeiro filho. Acalme-se, por minha causa, e eu vou fazer valer a pena.

Ditas foi a lembrança do que havia acontecido com sua mãe. Carol estava em um humor tão bom que ele não queria estragá-lo, mesmo que estes dias nunca estiveram muito longe da sua mente.

—Sério? —Ela arqueou uma sobrancelha. —Como você vai conseguir isso?

Ele mergulhou com a mão esquerda dentro do seu jeans e usou a direita em buscar dentro da sua calcinha até o clitóris. O cheiro de sua excitação instantaneamente perfumou o ar enquanto ele a acariciou levemente da maneira que ele sabia dirigi-la louca. Seu brinco caiu no chão enquanto suas mãos caíram para descansar em cima dele e seu corpo caiu contra ele.

Ele olhou no espelho quando o rosto dela ficou relaxado, e as pálpebras pesadas enquanto ela se balançava em seus dedos curiosos. Ele adorava quando ela era sensual.

—Então, baby? É este um incentivo suficiente para fazer o que eu pedir?

—Quase. —Ela ofegou. —Eu acho que eu preciso de um pouco mais de persuasão.

—O prazer é todo meu. Incline-se e apóie os braços sobre a cômoda.

Empurrando o jeans e a calcinha até os tornozelos, soltou seu cinto e abriu o zíper de suas calças, e as deixou cair nos joelhos. Se posicionou atrás dela, Mark a penetrou lentamente, atendo para todos os sinais de desconforto. A penetração era mais funda nesta posição, e com a sua gravidez, ele não tinha certeza do quanto ela poderia suportar. A montou lento e rápido, tomando o seu tempo.

—Mais forte, baby. —Ela ordenou.

—Ainda não. Você me dá o que eu quero e eu darei o que você precisa.

Ela gemeu e estremeceu de modo que sinalizou que havia batido num ponto particularmente sensível. Ele fez de novo e de novo até que ela esteve ofegante e movendo com ele. Era tudo o que podia fazer para se segurar.

—Prometa-me baby. Prometa-me que não vai exagerar por hoje.

—Sim, sim! Eu prometo.

O animal nele rosnou pela satisfação de sua entrega. Sua companheira podia ser shifter mais do que ele, mas ele era o mais dominante. Às vezes Mark esquecia que sua esposa precisava que provasse que ele era lobo o suficiente para forçá-la a se submeter, mas ele sempre fazia isso de maneira que ambos o encontrasse agradável. Ele soltou os quadris dela, permitindo que impulsionasse para trás em seu pênis, confiando-lhe para não tomar mais do que era confortável para ela. Com uma mão, ele tomou um mamilo, e com a outra, rolou seu clitóris. Não demorou muito para ela entrar em erupção.

Ele imediatamente se retirou.

—O senhor não vai vir? —Ela perguntou, incrédula, o olhando pelo espelho.

Ele deu um sorriso feroz.

—Se você se comportar hoje, eu vou vir.

Ela fechou os olhos num gemido, e ele podia sentir sua vagina liberando um fluxo de umidade. Ele deu um grunhido baixo de satisfação. Quanto mais tempo ele adiava sua liberação, maior e mais forte daria a ela quando finalmente deixasse ir.

Ouvindo de um veículo entrar na garagem, Mark ajeitou suas calças.

—Eles estão aqui. Eu vou deixá-los entrar.

Capítulo Três

Completamente saciada, Carol endireitou suas roupas e terminou de colocar as suas jóias, verificando para certificar-se de a maquiagem não estava manchada. Antes de sair do quarto, o seu olhar caiu sobre o retrato de família em posição de destaque na cômoda. Um homem sentado atrás da mulher, com as mãos segurando possessivamente em sua barriga saliente.

A expressão em seu rosto olhando para sua companheira era carinhosamente intensa, como se o mundo inteiro começasse e terminasse com ela. A mulher olhava para a câmera com um sorriso de contentamento de Mona Lisa. Qualquer um que olhasse para ela podia ver que era bem amada e sabia disso. Olhando para o casal com a adoração nos olhos estava uma menina com tranças. Suas mãos pequenas também descansavam sobre o ventre da mulher, e havia um brilho nos olhos como se soubesse algo que ninguém mais sabia.

Carol se lembrou daquele dia vividamente. Ela e seus pais tinham posado para fotos para inserir em seus cartões de Natal. Depois eles se dirigiam para a loja de sorvetes, onde seu pai tinha prometido a ela duas bolas de seus sabores favoritos. Um mês depois, seus pais e seu irmão tinham ido embora.

Suspirando profundamente, Carol beijou indicador e tocou o vidro que protegia a foto, recusando-se a ceder à tristeza que espreitava em seu coração. Hoje era um dia feliz. Um dia de possibilidades. Deixando para trás o passado, ela saiu para cumprimentar seu ex-tutores, Mona e Tom. Eles estavam sentados na sala de estar e pararam quando ela entrou na sala. Mona deu-lhe um abraço, e a alfa a beijou no rosto. Ela poderia dizer o quão satisfeitos eles estavam para vê-la.

A mudança para o Arizona tinha sido bom para eles. Quando eles se foram, Mona tinha os cabelos lisos longos, grossos, e negros que caíam por sua cintura. Agora estava cortado num corte curto e elegante que lhe tocava levemente o queixo. Seus olhos cinza tinham algumas linhas em torno deles, devido ao brilhante sol do deserto, Carol estava certa. Sua cor verde-oliva, que mostrava suas raízes mediterrânicas, estava ainda mais bronzeada.

Thomas Wolfe estava mais bonito e musculoso do que nunca. Embora ele estivesse na casa dos oitenta anos, você não poderia dizer, apenas olhando para ele. Seus cabelos negros e ondulados, cortados curtos como militar, estavam um pouco grisalhos. Seus olhos negros eram tão penetrantes e tinha o rosto mais bronzeado do que o de costume, ele não parecia ter mais do que cinquenta anos.

—Olhe para você. Está radiante. —Afirmou Mona.

—Eu nem vou perguntar se Mark a está tratando bem. Eu posso ver por mim mesma que ele está. A gravidez caiu bem com você.

Carol sorriu um pouco nervosa, agora que o momento esteve perto dela. Ela disse a Mark que pretendia fazer e teve o seu total apoio. Mark assentiu encorajando-a e apertou sua mão que segurava, apertada.

—Isto é o que eu quero falar com vocês.

Ela fez sinal para que estivessem sentados, assim como ela se sentou, ao lado de Mark no braço da cadeira.

Mona e Tom trocaram olhares e depois se sentaram como pedido. Mona parecia tensa.

—Há algo de errado com o bebê?

—Não, está tudo bem. Não há complicações.

—Ah. Então, o que é isto? A última vez que você esteve tão nervosa foi quando você nos contou sobre Mark.

—Querida, dê a ela uma chance. Se você continua a fazer perguntas, nunca vai descobrir o que está acontecendo. —Disse Tom para Mona.

Carol tomou uma respiração profunda e, com outro olhar sobre o seu companheiro, começou.

—Primeiro, eu quero que vocês dois saibam o quanto eu aprecio tudo que vocês fizeram por mim. O jeito que você me acolheram e me criaram como de sua filha, depois que meus pais morreram .

—Imagine não há necessidade de nos agradecer, querida.

Mona interrompeu.

—Ficamos felizes em fazê-lo.

Tom acenou para Mona para ficar quieta.

—Deixe-a terminar.

—Quando vocês quiseram me adotar, eu recusei porque eu pensei que deixando vocês me reclamarem como sua filha, de alguma forma iria me tirar dos meus pais, como se vocês estivessem tentando apagá-los da minha vida. Eu pensei que aceitar a oferta seria uma traição para a minha memória.

Mona suspirou.

—Oh, querida, eu não tinha idéia. Nós nunca faríamos uma coisa dessas.

Carol sorriu.

—Eu percebo isso... Agora. Estar grávida tem me dado uma nova perspectiva de toda a situação. Deus me livre, mas se algo me acontecer e a Mark, eu estaria muito feliz se o meu filho tivesse alguém tão generoso como vocês dois para criá-lo. Eu sei que é tarde demais para concordar com a adoção, mas o meu bebê...

—Nosso. —Disse Mark interrompeu.

—Nosso bebê precisa avós, avôs amorosos que entender quem e o que ele é, que serem uma fonte de sabedoria e encorajamento na sua vida, do jeito que vocês foram na minha. Eu ficaria honrada se vocês preenchessem esse papel.

Mona e Tom se olharam novamente, numa comunicação silenciosa que lembrou da sua infância. Carol cravou suas unhas no de ombro Mark. Ele gentilmente os soltos e puxou-a para o seu colo, envolvendo ambos os braços ao redor dela. Ela se encostou nele, tentando relaxar enquanto esperava por eles para chegarem numa decisão.

Mark tinha dito que era tolice dela estar tão nervosa, que estava vendo tudo fora de proporção. Tom e Mona a amava, considerado sua filha, e qualquer criança dela, sendo automaticamente seu neto, mas Carol não queria admitir isso. Não pelo assunto ser tão importante. Não apenas isso, Carol sabia que em seu coração era um pedido de desculpas que ela deveria ter dado a eles há muito tempo.

Tom indicou Mona para responder por ambos.

—Sim, nós ficaríamos honrados.

Carol soltou a respiração que ela estava segurando. Pigarreou, e acrescentou:

—Já que vocês estão sendo tão agradáveis, estaria tudo bem se eu chamasse você, de mamãe?

Os olhos de Mona transbordaram de lágrimas. Superando, ela simplesmente balançou a cabeça rapidamente.

—Oponho-me. —Tom disse com firmeza.

Carol chupou uma respiração áspera, e Mark apertou-lhe, num comando silencioso para ela ficar quieta e esperar.

—Você pode chamar minha companheira de mãe se você concordar em me chamar de pai. E terminou com um sorriso.

Ela colocou a mão sobre o coração dela e soltou um suspiro de alívio.

—Você me assustou. Sim, eu ficaria muito feliz te chamá-lo pai, pai. —Disse a ele.

Mona se levantou com os braços estendidos. Carol se levantou e caminhou para eles. Com seus cinco pés de altura, Mona era muito menor do que ela. Apesar de Mona ter a estatura baixa, ela era muito feroz, capaz de se tomar maior que muitos homens crescidos. Na adolescência, nem Carol, nem Alex tinha sido capazes de enfrentá-la com qualquer argumento. Mona faz o que uma mãe, que de alguma forma sempre soube que eles estavam fazendo e ela era tão protetora com eles como qualquer mãe urso com seus filhotes.

Carol esperava que quando o bebê nascesse e fosse pelo menos a metade de como Mona tinha sido.

—Vamos para a cozinha. —Disse Mona. —O bando deve começar a chegar a qualquer minuto. Eu sei que você tem as coisas sob controle, mas duas mãos são sempre melhores do que uma.

—Agradeço a ajuda. —Carol disse a ela e ignorou Mark fingindo ter um ataque do coração por suas palavras.

—Pela sua reação, eu posso ver que minha filhote tem mudado muito. —Declarou Tom.

—Você não tem idéia. —Afirmou Mark. —Confie em mim, no que fazemos. Por que você acha que o bando me fez beta?

Os dois homens riram.

Carol revirou os olhos e, quando ela abriu o caminho para a cozinha, perguntou a Mona.

—Você gostaria de conhecer a casa?

—Claro.

Carol mostrou-lhe ao redor da casa, a vários cômodos três quartos, dois banheiros e um lavabo que ela e Mark tinham construído. Eles tinham se mudado em menos de seis meses e esta era a primeira vez que seus pais tinham visto. Foi construído em um meio de um acre de terra com muitas árvores para sua privacidade.

—É linda. Vocês dois fizeram um bom trabalho. Eu ainda queria que você tivesse deixado Tom e eu a ajudasse. —Disse Mona quando entrava na cozinha.

—Você já fez muito por mim. Isso era algo que Mark e eu precisávamos fazer por nós mesmos. —Explicou Carol.

Mona abanou a cabeça, fazendo com que o cabelo dela para balançasse em seu rosto.

—Então, tão teimosa, assim como seu irmão, Alex.

Carol fez uma careta.

—Não diga essas palavras.

—Que palavras?

—Isso que Alex e eu somos iguais.

Mona riu.

—É claro que vocês são. Por que você acha que os dois lutavam tanto quando eram mais jovens?

—Ciúme da minha parte, porque ele ainda tinha seus pais e eu não, e ressentimento da sua porque ele já não era a única criança?

Mona ficou séria.

—Talvez no começo, houve um pouco disso, enquanto vocês dois se ajustavam um ao outro. Mais depois eu acredito que foi porque você é ferozmente independente e Alex é extremamente protetor com aqueles que ele se preocupa. Ele queria envolvê-la em algodão, e você não queria deixá-lo. Ou deixar qualquer um de nós. Me incomodava a maneira que você sempre estava separada da família. Eu entendia, mas era difícil não empurrar para que você nos deixasse entrar. Eu pensei que talvez se te adotássemos pelos padrões humanos, lhe daria uma sensação de segurança.

Carol virou-se para a pequena mulher.

—Uma coisa que eu nunca duvidei era do seu amor por mim. Eu podia vê-lo, senti-lo, cheirá-lo. Eu temia ser rejeitada, eu não deveria ter agido de forma tão ruim. Você e To... Quero dizer papai foram pacientes, mas firmes comigo, me tratando da mesma forma que faziam com o Alex. Olhando para trás, posso ver que eu estava com raiva que a minha casa tinha sido arrancada de mim e minha família se perdeu, e em vez de ser grata de que havia alguém tão maravilhosa quanto você está esperando com suas asas para apanhar os cacós.

Mona abanou a cabeça.

—Você se machucou de uma maneira que você não sabia como lidar com isso. Um aconselhamento profissional teria ajudado. Infelizmente, como somos shifters, não poderíamos assumir o risco. Não havia ninguém treinado que nós confiávamos o suficiente para a sua segurança.

Carol ponderou as palavras de Mona enquanto ela apanhou os pratos da geladeira e entregou a Mona para organizá-los. Ela estava certa. Ela tinha estado ferida e com raiva, mas isso era o que o seu lobo sentia. Qualquer aconselhamento que ela tivesse ido teria poderia ter sido capaz de lidar com ela e seu lobo. Perder seus pais tinha sido devastador, mas foi a maneira pela qual ela os perdeu que havia lhe causado sofrimento a mais. Pelos padrões do bando, Carol foi tanto alfa quanto o seu filho de Alex, mas até ela engravidar, foi algo que ela nunca quis reconhecer. Sendo os Wolfes pessoas de bom coração que o eram, eles nunca empurraram a questão, embora deve ter doído.

Eles trabalharam juntos em silêncio, depois de ter feito isso muitas e muitas vezes quando Mona e Tom ainda estavam em posição de alfas da matilha Raven antes de passar controle para de Alex e ela. Quando terminaram, haviam estabelecido a mesa do café com xícaras de chocolate quente.

—Como está indo com a gravidez?

Carol sorriu.

—Até aqui tudo bem. Um pouco de náuseas, de tempos em tempos, mas que é de se esperar. Caso contrário, me sinto ótima.

—Quanto ao físico sim. E quanto ao mental? Alguma preocupação?

—Não, tudo tem estado ótimo. —Respondeu ela alegremente.

Mona lançou um olhar para Carol que ela lembrou-se claramente desde a infância. Quando o silêncio cresceu, Carol lutou para não se contorcer. No final, ela sempre, cedia sob sua pressão.

—Ok, eu estou um pouco nervosa. Como uma profissional médica, eu sei o que aconteceu com a mamãe foi uma casualidade, mas a mulher em mim...

Mona limpou as mãos numa toalha de papel e depois apanhou o rosto Carol.

—As coisas estão diferentes agora. Quando sua mãe começou a ter complicações, houve apenas uma parteira e Tom para lidar com as coisas. Infelizmente, Tom tinha o conhecimento, mas não o equipamento para lidar com descolamento prematuro da placenta. O descolamento da placenta, é uma condição na qual a placenta se separa do útero, e não afeta apenas as mulheres humanas. Shifters sofrem muito, e muitas vezes sangram, se não há um tratamento médico rápido devido. Seu pai havia se apressado a mãe em descer a montanha numa tempestade de gelo para chegar ao hospital em Colbyville, quando ele perdeu o controle nas curvas, num esforço para evitar bater num veículo na pista contrária, saiu da pista, e caiu abaixo num barranco, onde o carro explodiu.

—Você sabe que uma das razões que Mark e eu decidimos esperar antes que ficasse grávida é que as coisas sejam resolvidas com o bando. Em seguida, houve o seu negócio. Nós queríamos que ele estivesse firmemente estabelecido. Mas uma razão mais profunda, pelo menos para mim, era que eu queria ter a certeza que clínica fosse equipada para lidar com qualquer tipo de emergências médicas que possam surgir antes que fizéssemos uma tentativa, neste caso.

—Isso foi muito sábio de vocês dois. —Disse Mona em aprovação.

—No início, havia muita emoção. Agora que passou, eu me pego pensando sobre o passado.

Mona deu-lhe o mesmo sorriso gentil que havia confortado Carol muitas vezes, mais que ela nunca admitiu enquanto crescia.

—Isso é natural. Você está entrando numa nova fase de sua vida. Refletindo sobre o caminho que te levou até onde você está hoje, isso é de se esperar. E nem parar de fazer tampouco. Confie em mim. Seu filho vai fazer ou dizer algo e uma memória vai sair do nada. Isso é parte do ciclo da vida. Eu olho pra você agora, crescida e casada, carregando uma criança sua e eu me lembro do dia em que chegou em casa. Como você estava perdida. Eu queria envolvê-la em meus braços e prometer de que nada poderia machucá-la novamente, que eu poderia ajudá-la. Você foi muito feroz, tentando duramente ser forte e corajosa. Seu orgulho era tudo o que tinha para se agarrar, e eu sabia que tinha que dar-lhe espaço e deixei lidando com as coisas do seu jeito.

Carol se esticou e colocou a mão sobre a de Mona.

—Obrigada por isso. Meus pais me ensinaram que os lobos eram fortes. Naquele dia, quando você me contou o que aconteceu, as suas palavras eram tudo que eu tinha para me agarrar. Agora eu vejo que fui abençoada com outra família para substituir a que eu perdi: você, o pai, Alex, Mark, e meu filhote a caminho.

—E o Natal é uma época maravilhosa para contar e compartilhar com os outros as muitas bênçãos que o Criador nos deu em nossas vidas.

A campainha tocou, e se adiantaram para cumprimentar seus convidados. Logo a casa estava cheia de vizinhos e membros da matilha trazendo presentes e alimentos. Os presentes foram trocados, a comida servida, e risadas e conversas ecoavam por toda a casa.

Apesar da neve no chão, um dos rapazes organizou um futebol e antes que ela percebesse, um intenso jogo estava em andamento. Com a permissão do seu companheiro, Carol estava entrou no jogo. Não que ela estivesse inclinada. Ela adorava o jogo. Ser enfermeiro e beta da embalagem não há permitia bastante tempo para jogar. Já que Alex e Mark estavam numa equipe, ela se juntou a uma adversária. Após uma hora, ela decidiu que já havia se divertido bastante e recuou para a margem para assistir ao jogo. Ela sabia que os meninos se divertiriam muito mais, sendo mais agressivos sem ela no caminho.

Uma das mulheres trouxe para Carol uma bebida e uma cadeira, e sentou-se, sentindo-se protegida e mimada pelo o seu bando. O nascimento de um novo membro na matilha era algo que todos os celebravam e participavam. Embora eles esperavam por uma menina, provavelmente seria um menino. Não que isso importasse. Toda criança nascida shifter era um passo mais longe de sua extinção como espécie. Sua atenção foi atraída de volta para o campo quando Mark marcou um touchdown. Seu companheiro. Como ele mexia com ela, podia ver sua determinação de aço que era uma parte de sua natureza, que lhe permitiu tomá-la como sua. Sob o peso e a pressão de fazer a coisa certa, ela teria se afastado e seria infeliz pelo o resto de sua vida. Graças a Deus, Mark não deixou isso acontecer. Mesmo ela tendo o rejeitado inúmeras vezes, ele sempre voltava. Ela se lembrou da última vez que vividamente...

* * *

Carol olhou para o livro aberto na frente dela e suspirou. Infelizmente ultimamente ela não conseguia se concentrar em nada. Não desde aquele beijo. Já tinha acontecido há mais de uma semana, exatamente dez dias, três horas e 22 minutos atrás, não que ela estivesse contando ou ainda não tivesse sido capaz de colocá-lo fora da sua mente. Mais uma vez ela pensou em diversas razões porque uma relação entre eles não daria certo. Eram duas espécies completamente diferentes. Sua espécie era conhecida pelo seu brutal jogo sexual.

Ela poderia causar sérios danos ao seu frágil corpo humano, e como ele não era um shifter, não teria a capacidade de mudar e se curar. Já que ela teve de se impedir de agarrar suas costas e afundando seus dentes em seu pescoço. E depois havia o fato de que ele não poderia saber o que ela era. O sexo trazia a tona a besta. Nos orgasmos, era impossível controlar a mudança. Olhos brilhantes, dentes, unhas que viram garras, e seriam um pouco difícil de explicar. Deixando a forte atração sexual de lado, esse cara realmente mexia com ela num nível emocional. Ficar profundamente envolvida com Mark apenas levaria a mágoa. Uma vez que estes dois últimos semestres estivessem terminados, ela voltaria a Refúgio e para seu bando para completar o seu estágio e, posteriormente, seu o trabalho.

Ela deveria se sossegar com um dos seus companheiros de bando, e gerar alguns filhotes, e a vida continuaria. Ela não podia ver um garoto da cidade como Mark, estar disposto a se mudar para um pequena cidade, com um semáforo no alto das montanhas, rodeado por um bando de mutantes e seres humanos com percepções extra-sensoriais. Mesmo que ele fosse, havia ainda o fato de que eles eram geneticamente incompatíveis.

Ela gostaria gostam de ter filhos algum dia, pelo menos dois. Talvez até mais. Isso não poderia ser possível com um humano como um companheiro. Resolvendo a questão mais uma vez em sua mente, ela centrou a sua atenção sobre o texto, apenas para uma determinada batida na porta a interrompê-la. Carol gemeu. Ela tinha exames de fim de semestre em breve. Ela precisava estudar. Ela se levantou, foi até a porta de sua casa aqui no campus, e olhou pelo olho mágico.

Era Mark.

Ela estava atordoada demais para questionar como ele descobriu onde ela morava. Ela certamente nunca lhe disse. Não que fosse um grande segredo, nem nada. Ela inclinou a cabeça contra a madeira, com a respiração dura pela excitação que nunca tinha se dissipado completamente uma vez que seu beijo ainda percorria pelo seu corpo, ganhando força. Estando perto, ela podia sentir o cheiro dele. Sua luxúria a atingiu como uma onda. Carol deu um passo para trás, e ele bateu na porta novamente.

—Carol, abra. Eu sei que você está aí.

Com o carro na garagem, não havia como ela poderia fingir que a casa estava vazia. Ela teria que enfrentar ele, por isso.

—Vá para casa, Mark.

—Eu não vou embora. Abra a porta.

Quando ela não soube o que responder, ele continuou batendo, fazendo com a porta inteira estremecer.

—Carol!

—Vá embora. Eu estou estudando.

Ela não podia abrir a porta para ele. Ela tinha todos os motivos do mundo para não fazer. Como estar sobre ele num piscar de olhos.

—Carol, por favor.

Parecia que ele estava pressionado contra a porta.

—Eu sei que eu prometi deixá-la em paz, mas...

Ela deu um passo a frente e colocou a mão na porta.

—Mark. —Suspirou.

—Baby, deixe-me entrar.

Ela poderia lutar contra sua demanda, mas e seus rogos? Sua mão se moveu e deslizou até a cadeia, quase com a mente própria, depois, moveu a trava. Quando ela chegou na maçaneta da porta, ela hesitou, sua consciência em conflito com seus instintos.

—Baby, por favor, não me mande embora. —Ele implorou.

Foi o empurrão que precisava deixá-lo entrar.

—Isto é uma idéia ruim. —Ela declarou quando lentamente abriu a porta.

—Então teremos apenas que fazer isso dar certo. —Disse ele enquanto entrava e chutava a porta fechada. Ele tirou a jaqueta e a deixou cair no chão quando ele chegou até ela.

—Mulher, você está me deixando louco. Eu não consigo dormir. Nem comer. Tudo o que faço é pensar em você.

—Isso não é nada mais do que uma intensa atração física. Vai passar... —Disse ela um pouco desesperada, com as mãos apoiadas no seu peito numa fraca tentativa de afastá-lo, lutando contra o que ela sabia ser uma batalha perdida. Já seu lobo se remexia, guiado pelo calor à luxúria correndo pelo seu corpo.

—Tarde demais. —Ele murmurou antes de sua boca alegou a dela num beijo profundo além do último de seus obstáculos.

Carol levantou os braços para rodear seu pescoço e se agarrou a ele, puxando seu corpo contra o dele. Mark movia a cabeça de um lado a outro, buscando o ângulo perfeito, sua língua estava bem fundo em sua boca, invadindo e acariciando até que a sua esteve sobrecarregada com o sabor e aroma deste humano proibido. Eles caíram contra a parede num emaranhado de mãos e beijos às apalpadelas febris. Carol se ouviu rosar e tentou parar.

—Merda, isto é muito sexy. Faça isso de novo. —Ele ordenou, sem falta de ar.

O rugido se transformou num gemido quando sua boca fechou sobre seu peito coberto pela camiseta. Ela apertou seus ombros e teve que fazer um esforço consciente para manter suas garras de surgirem.

—Você me deixa louco do jeito anda por aí, sem sutiã. Eu vejo esses peitos e eu quero prová-los, provocá-los. Veja o quanto posso encaixar em minha boca.

Tirou sua camiseta sobre a cabeça e a atirou de lado. Olhando os seios com o que parecia ser a reverência, ele disse:

—Eles são ainda mais bonitos do que eu imaginava.

Mark acendeu um de seus mamilos com o polegar, e ele endureceu instantaneamente, enquanto seus quadris impulsionavam para frente. Seu olhar caiu sobre ela.

—O quanto eles estão sensíveis?

Ela assobiou.

—Muito.

O sorriso que ele deu a ela, foi brutalmente sexy.

—Isso vai ser divertido.

Ele abaixou a cabeça, com a boca escancarada, e fechada sobre o peito. Ele o consumiu inteiramente. Carol nunca tinha estado mais feliz que seus seios eram pequenos. Mark aspirou fortemente sobre ela, e seu mamilo esteve pressionado contra a parte superior da sua boca. Ela soltou um grito de lamento e agarrou sua cabeça, o segurando para ela.

Ele mudou de lado.

Ela estava enlouquecendo, agarrando sua camisa, tentando chegar à sua pele. Ele parou tempo o suficiente para ajudá-la a retirar a sua camisa, antes que sua boca estivesse de volta sobre seus seios e as mãos em sua bunda.

Carol empurrou sobre seu pênis.

A sensação de sua carne dura, contra seus contornos suaves, era sublime. Mark inseriu uma perna entre as suas e esfregou seu sexo contra o dela. De volta contra a parede, ela se arqueou para ele e montou o cume de sua ereção, onde o frágil material de seus shorts e calcinhas de algodão pareciam sem barreira.

—Preciso de ter... Você ... Agora. —Ele ofegava enquanto ele abria o zíper e empurrava suas calças para baixo.

Seu pênis era alto, forte e grosso, surgindo para fora da abertura. Carol colocou seus dedos ávidos em torno dele, instintivamente o bombeando para cima e para baixo.

—Merda, isso é bom. Muito bom. Pare ou isso vai acabar antes mesmo de começar.

Ela retirou sua mão e empurrou a bermuda e a calcinha pelas pernas, saindo deles quando caíram em torno de seus tornozelos. Mark ainda estava paralisado como uma pedra, mal mesmo respirando.

—Há algo de errado? Eu estou indo rápida demais? —Ela perguntou preocupada.

Ele fechou os olhos e engoliu em seco. Quando ele voltar a abri-los, eles tinham tanto calor que a queimou onde ela estava.

—Você é tão linda. Ainda mais do que eu tinha imaginado.

Tendo sempre sido uma espécie de moleque, ela esteve constrangida com o elogio de Mark. Carol podia sentir seu rubor facial.

—Baby, eu espero que você esteja pronta para mim, porque eu não acho que posso esperar por muito mais tempo. —Ele confessou com um gemido.

—Me tome. —Ela disse, olhando para ele.

Sua boca caiu sobre a dela num beijo que outra mulher poderia chamar de brutal. Para Carol, foi um indicador de quão longe ele foi. Ele a pegou pelo joelho esquerdo e levantou a perna dela. Sentiu uma de suas mãos ao longo de sua fenda e penetrou sua abertura, testando a sua disponibilidade.

—Maldição, você está tão molhada. Diga-me que isso é tudo para mim.

—Isto é para você.

Numa demonstração de força bruta digno de um shifter, Mark a levantou no alto da parede.

—Passe suas pernas em volta de mim. —Ordenou.

Carol envolveu ambas as pernas em sua cintura. Mark alinhado seu sexo com o dela, esfregando para frente e para trás até que ele cutucou sua abertura. Ele brincava com ela, puxando para fora até o momento Carol achava que ela perdeu a cabeça.

—Eu pensei que você não poderia esperar mais. —Ela cuspiu para fora.

—Eu não posso. —Disse ele sobre a abertura e bateu. —Merda, o preservativo, afirmou que ele se retirou.

—Eu preciso...

—Eu estou segura. —Gritou ela enquanto ela tentava desesperadamente recuperá-lo quando ele pertencia.

—Obrigado, Deus. —Ele suspirou e agarrando o traseiro dela, a puxou para baixo até encontrar o seu pau empurrando enquanto a empalava novamente.

Carol mordeu sobre o tendão entre o pescoço e o ombro, e suas presas o prendendo, tirando uma camada de pele de suas costas com suas garras.

—Ahhhh! Tudo bem. Me morda. Arranhe. Mostre-me como está sendo bom para você.

Ele ajustou seu poder sobre ela e começou bombear num ritmo acelerado. Mark rapidamente a levou até a borda e depois empurrou mais. Ela o mordeu com tanta força tentando não uivar, que sentiu o gosto de sangue. Ele aceitou sua queixa e exigiu mais.

—Me dê tudo, baby. Deixe-me sentir o quanto sua doce vagina pode apertar meu pau. Me ordenhe, baby.

A parte superior do seu corpo a prendia à parede. Segurando-a pelo traseiro e dobrando os joelhos, ele dirigia dentro dela com todo o seu corpo. Ruídos de grunidos saiam do seu peito.

—Ah, inferno. Rosne para mim, baby.

Ela rosnou e grunhiu e abafou um grito quando ela veio de novo. Ela pensou que um humano não poderia lidar com ela, mas Mark estava provando seu erro. Ele a fez ver estrelas.

—Dá-me isso. Você é tão boa. Venha para mim novamente. Só mais uma vez... —Ele exigiu, e seu corpo obedeceu.

Quando ela gozou pela terceira vez, Mark dirigiu nela mais fundo, com força em seu impulso quebrando a parede mal rebocada por trás deles, uma vez que cedeu sob seus pesos combinados. Inundada pelo prazer, Carol não podia fazer nada, mas do que segurar seus joelhos de dobraram e cair no chão. Olhou sobre sua cabeça.

—Nós quebramos a parede.

Mark levantou a cabeça do seu ombro, e seguiu o olhar dela.

—Eu vou ajudá-la a consertar.

Agora que ela estava saciada, a sua sanidade voltou. Ela empurrou sobre seus ombros, tentando se levantar e se livrar dele.

—Isto foi um erro.

—Não.

A mão dele envolveu suas tranças e a puxou de modo que seu rosto esteve levantado para ele.

—Você não vai me afastar. Nem agora, nem depois disso.

—Que é isso? Foi só sexo. —Ela mentiu, sabendo que era muito mais.

Ele gentilmente a sacudiu.

—Isto é muito mais e eu não vou deixar você fugir disso que existe entre nós.

Ela sacudiu a cabeça energeticamente de um lado para o outro.

—Você não entende.

—Então me diga. Me diga o porquê não podemos estar juntos e não me venha com alguma besteira sobre não querer estar ligada com alguém até que você terminar seus estudos. Eu nunca senti isso por qualquer outra mulher da maneira que eu me sinto por você. Eu seria amaldiçoado se eu deixasse você jogar fora o que poderia ser a melhor coisa que já me aconteceu, sem ao menos nos dar uma chance.

Carol olhou para ele. Ela não podia dizer a verdade a ele, e ele já rejeitou o seu único motivo.

—Carol, nos dê uma chance. —Disse ele, olhando profundamente nos seus olhos.

Não conseguiu ver uma maneira de contornar isso e saber que ela realmente não queria, ela balançou a cabeça, hesitante.

—Tudo bem.

Ele sorriu de alívio e inclinou-se, então colocou um beijo em seus lábios. Ela podia sentir seu pau movendo dentro dela. Não era possível controlar a si mesma, então ela arqueou seus quadris e apertou sua bainha em torno dele. Mark plantou as mãos na parede, a prendendo dentro.

—Você disse algo sobre estudar?

Carol disse.

—Isso pode esperar.

—Exatamente o que eu queria ouvir.

A afastou dele, levantou-se e ajudou-a a ficar de pé.

—Onde fica o quarto? Isso foi bom, mas desta vez eu quero uma cama.

Ela apontou para as escadas e encaminhou-se para elas. Mark a pegou por trás. Num movimento rápido, ele a tinha capotado de costas por cima do ombro. Soltando um grito de Tarzan, ele a levou para cima em seu quarto. Depois de soltar seu brinquedo na cama, ele tirou o resto de suas roupas, então a prendeu no colchão com as mãos acima da cabeça.

—Eu não sei o que é, mas você traz para fora a besta em mim. —Disse a ela.

—Isto é justamente o que você faz em mim.

Seus olhos se iluminaram e ele sorriu.

—Agora... Onde estávamos?

Carol colocou seus pés em torno de sua cintura, abrindo-se para sua posse.

—Mais ou menos aqui.

—Ah sim, agora me lembro. —Afirmou ele empurrando seu membro dentro dela.

Capítulo Quatro

Ter Mark como amante foi uma experiência inebriante. Em seu estado quase virginal, ela não tinha a habilidade emocional necessária para lidar como ele a fazia se sentir. Seu último encontro sexual havia ensinado a ela que era difícil esconder qualquer coisa numa casa cheia de shifters, que com uma única cheirada, podia sentir o cheiro de sexo e identificar os culpados.

Tendo o alpha e Alex, os rapazes do bando rapidamente aprenderam a mudar suas atenções para outra parte ou sofreriam as consequências. Ela se deleitou em ser capaz de tocar, provar, e foda usando ao seu coração. Quanto mais sexo eles faziam, mais ela queria. Seu mundo se estreitou a Mark e a escola. Mesmo suas notas teriam sofrido se não fosse pelo Mark. Ele a forçou a estudar e frequentar as aulas, afirmando que eles chegaram longe demais e estavam muito perto do final para mudar isso agora.

Pela primeira vez em sua vida, Carol estava apaixonada. Era de tirar o fôlego, emocionante, e tão incrivelmente errado. O relacionamento deles era muito um tabu e destinado a não durar, o que fez ela desesperado e gananciosa por capturar e segurar cada momento que passávamos juntos.

Mark praticamente mudou com ela. Quando ele não estava com ela, ela estava com ele em sua casa, mas ele tinha um companheiro de quarto. Foi somente em sua casa da cidade, ou melhor, a casa no campus que poderiam estar verdadeiramente sozinhos. E não havia um cômodo em que eles não tivessem feito amor.

Eles não conseguiam manter suas mãos longe um do outro e quando Mark confessava seu amor por ela, ela alcançava a lua. Ele falava sobre o futuro, como se fosse certo que eles estariam juntos. Este seria o último semestre de aulas para ambos. A próxima fase era concluir o estágio antes que recebam os seus respectivos graus. Por causa de seus campos de estudo, suas opções eram quase ilimitadas.

O alfa entenderia, ela disse a si mesma. Ela amava Mark, e isso era tudo o que importava. Ela estava pronta para desistir de tudo, seu bando, sua casa, a chance de ter seus próprios filhos, tudo para ficar com ele. De alguma forma, de alguma maneira, ela iria devolver o dinheiro que o bando financiou para a sua educação.

Teria muito trabalho que fazer.

Por favor, Deus, dei-me um trabalho.

* * *

—Mmm, isto está muito bom. —Mark tinha suas mãos dolorosamente apertadas em seu cabelo.

Sua boca estava cheia com seu pau, e Carol cantarolava sua apreciação, amando o caminho de suas coxas e pressionou seus quadris em resposta.

—Sim. —Ele gemeu.

—Chupe-o desse jeito.

Ela engoliu todo o comprimento, amando o jeito que ele cheirava. Ela sorriu por dentro, quando seu lobo se remexia, se deleitando como o resíduo da sua semente e combinado com o aroma revestido seu nariz. Era um prazer deixar sua marca em cima dele, ainda que temporariamente. Com seu lobo tão perto da superfície, cada sensação era ampliada, tato, paladar, visão, audição e olfato.

Ela retirou se lentamente até que tinha apenas a ponta na boca, chupando forte como fazia.

—Foda-o, querida.

Mmm, ainda não, mas em breve.

Seus lábios inferiores estavam ainda inchados e lisos de sua união anterior, mas ela estava com fome por mais. Ela lentamente deslizou os dedos até seu estômago para acariciar seu clitóris latejante.

—Você está tocando a si mesma, Carol? Chupar meu pau esta fazendo com que você fique excitada?

Carol o soltou apenas o tempo para murmurar:

—Sim. —Então o levou de volta em sua boca.

—Traga sua vagina até aqui e deixe-me saboreá-la.

Em seu comando, um tremor sacudiu seu corpo delicioso. Subindo rapidamente de joelhos, ela se arrastou ao longo do seu corpo, assim ela montou seu rosto. Mark segurou seus quadris com as mãos, a posicionando para seu gosto, então lambeu de clitóris ao ânus.

—Ei, eu não estava ainda pronta. —Reclamou ela.

—É muito ruim. Eu estou.

Ele a lambeu novamente, desta vez girando em torno dela a sua língua saliente, sobre seu monte tão sensível. Para não ser superada, Carol logo abaixou os lábios e pegou seu pênis enchendo sua boca. Ela o amamentou fortemente, depois engoliu, sorrindo quando seus dedos gravaram em sua cintura.

—Então você quer jogar?

Carol cantarolou em acordo, sabendo que a vibração iria levá-lo a loucura.

—Ok, baby. Mostre-me o que você sabe, mas lembre-se que está em jogo o título de Rei do Prazer.

O que se seguiu foram diversos momentos de sorver, lambe, chupar e cada um lutou para trazer o outro no limite, sem se entrar. Carol estava dando o seu melhor para se concentrar em tudo, mas o que Mark estava fazendo entre as coxas dela, quando escutou um veículo familiar se movendo no beco sem saída e ela ficou tensa.

—O que está errado? —Mark perguntou, mostrando sua sensibilidade pela a sua mudança repentina de humor. Quando o carro parou na vaga frente sua casa, Carol esqueceu do sexo, caiu para fora da cama, e voou para a janela do quarto, que dava para a rua.

—Merda! —Depressa, vista-se, ela assobiou.

Ela entrou em pânico. Não havia como disfarçar o que ela estava fazendo, ou com quem. Merda, ela pensou que teria mais tempo. Ela deveria ter adivinhado que viriam verificar como ela estava, especialmente depois que ela não apareceu na Ação de Graças e boas férias de Natal, para passar o tempo todo com o Mark. Não que ela tivesse feito as coisas de forma diferente, dada uma segunda chance. Mark sempre a levava para jantar e tratou como uma rainha. Iam ao cinema, shopping, mercados de pulga, para não mencionar os bons restaurantes e boates que ele a levava ou o dons que ele tinha de dar banhos nela. Qualquer coisa que ela quisesse era dela para pedir.

Esse tipo de coisa que rapidamente virava a cabeça de uma mulher. Mark ainda estava apoiada nos travesseiros, languidamente acariciando seu pênis ereto.

—Volte para a cama. Quem quer que for vai embora quando nós não abrirmos a porta.

Atordoada, ela pegou sua calça jeans e moletom do chão e jogou para ele.

—Acontece que são meus tutores. —Informou a ele num sussurro feroz como duas portas do carro bateram.

—Então? Nós somos...

—Shh! Abaixe a sua voz. —Eles vão te ouvir, ela avisou-o, apesar de saber, que seus olfatos sensíveis de shifter, Tom e Mona provavelmente já tinham pegado o cheiro dele e sabiam que Mark estava na casa, mesmo seu carro estando na pista rodovia sem denunciar que ela tinha companhia.

Até agora ela tinha vestido tudo, menos suas meias e sapatos e que foi se equilibrando em uma perna de cada vez, para colocá-los.

—Carol, você está sendo ridícula. Não há como possam nos ouvir daqui. A janela está fechada. —Disse a ela, mas ele baixou a voz pegando um pouco da sua urgência, e finalmente saiu. Ele se levantou e começou a puxar sua calça jeans.

—Feche a porta atrás de você quando você sair por baixo, e se apresse.

Ela deixou o quarto. Quando ela fechou a porta, ela podia ouvir Mark resmungando sobre mulheres que não sabiam como enfrentar seus pais como um adulto. Seu coração batia forte, Carol tomou as escadas em um único salto e correu para a cozinha. Ela pegou o pano de prato úmido e uma garrafa de purificadores de ar e correu ao redor da sala, ajeitando almofadas, limpando as mesas e os sofás de pulverização e tapetes de superfície em todos os lugares em que ela e Mark tinha feito amor. Ela não poderia mascarar o que eles tinham feito, não para shifters, mas seria melhor, torna menos evidente. Ela assim esperava. Ela podia senti-los em pé na porta, esperando educadamente e sabia que podia ouvi-la desesperadamente lutando lá dentro.

Carol correu de volta para a cozinha e pegou um saco de lixo. Duas caixas de pizza, jornais, um par garrafas de dois litros, garrafas plásticas vazias de água, sacos de batatas fritas e várias outras coisas, ela jogou o saco de lixo cheio na despensa, limpou as mãos nas calças e foi até a porta, tentando se acalmar.

Fazendo uma breve oração, ela abriu a porta.

—Alpha, Mona. Eu não esperava vocês.

Mona entrou e deu-lhe um breve abraço.

—Eu disse a Tom que deveríamos ligar primeiro.

Como as narinas visivelmente se contorcendo, Thomas Wolfe, o alfa do bando Raven, olhou em volta brevemente antes de seu olhar cair sobre Carol. Ela engoliu em seco e baixou seu olhar submisso. Ele avançou, e sua companheira deslocado para o lado para dar-lhe espaço.

—A família nunca faz cerimônia. —Afirmou a Carol quando ele a varreu para um abraço breve, mas poderoso que a levantou do chão.

Lá em cima, a porta do quarto abriu e fechou, era Mark depois, veio o som lento e constante do piso soando na escada. O cheiro de sexo, foi seguido rapidamente encheu o ar, Carol esteve com medo. Os olhos de Tom passaram para lobo, e um rosnado baixo vibrou através dele. Carol lançou a Mona um olhar suplicante. Mona pegou seu braço e disse:

—Vamos para a sala e Carol terá um momento para se recompor.

Ele se permitiu ser levado embora, mas continuou olhando para trás. Não para Carol, mas para a abertura da escada. No minuto em que ele estava fora de vista, Carol virou-se para enfrentar Mark quando ele desceu as escadas.

—Você precisa ir. —Disse ela em voz baixa. —Agora.

Mark apertou os olhos, a sua única expressão foi de descrença.

—Eu não vou sair daqui, como um adolescente pego com as calças abaixo.

—Você não entende. —Ela começou.

—Não, você que não entende. —Ele a corrigiu.

—Eu sou um homem, e você é minha mulher. Agora, a menos que você tenha vergonha de mim...?

—Eu não tenho. —Ela correu para assegurá-lo. Estava assustada que Tom iria rasgar a sua garganta fora, isso sim. Envergonhada pelo seu relacionamento com Mark? Nunca.

—Então nós vamos entrar por ali como os adultos, e você vai me apresentar a seus pais.

—Tutores. —Ela o corrigiu distraidamente.

—Eles ainda são sua família, mesmo qual seja como queira chamá-los e eles são importante para você. Agora vamos lá.

Tomou-lhe o braço, assim como Mona tinha feito com Tom e a levou para a sala. Mona e Tom estavam lá quando entraram.

—Alpha, Mona, este é Mark. Mark, estes são meus tutores, Mona e Thomas Wolfe.

Carol praguejou intimamente ao seu lado, na esperança de Mark não perguntar o que era um alfa. Bom jeito de começar, estúpida, como se você não estivesse com problemas o suficiente. Mark inclinou-se com a mão estendida.

—Senhor, senhora. —Ele cumprimentou-os.

—Prazer em conhecê-lo. —Afirmou Mona.

O alfa deu um olhar a Mark na medida em que ele apertou sua mão. Carol prendeu a respiração. Finalmente Tom assentiu com a cabeça e disse:

—Sente-se.

Os alfas caíram no sofá como se o possuíssem, que eles fizeram, ela e Mark se sentaram no assento com o amor emanando deles. Carol teve que fazer um esforço consciente para parar de tremer a sua perna. Tom não poderia expulsar Mark por sua orelha. Até ali tudo bem. Os shifters eram respeitados pela sua coragem. Mark não poderia saber que seus tutores ouviram cada palavra que ele tinha falado anteriormente, e que fez suas ações ainda mais corajosas.

—Então, como vocês se conheceram? —Mona perguntou.

—Eu e um grupo de rapazes estávamos jogando futebol no campus. Carol entrou na equipe adversária e fomos apresentados. —Respondeu Mark.

—Você é aluno aqui?

—Sim, senhora, eu sou.

—Em que área estuda?

—Farmácia.

—Você não é um pouco velho para ser um estudante universitário a tempo integral, não acha? —Tom perguntou, falando pela primeira vez desde que sentaram.

Mark assentiu com a cabeça.

—Eu servi quatro anos completos para conseguir o dinheiro que eu precisava para a escola e mais quatro anos na reserva.

—Em que ramo? —Tom perguntou.

—Exército.

O alfa assentiu com a cabeça mais uma vez e acomodou-se, permitindo a Mona continuar com suas perguntas, disfarçando como uma conversa educada. Carol estava tensa, falando quando era necessário, mas permanecendo em silêncio. Após cerca de quinze minutos de perguntas e respostas tortuosas, o alfa interrompeu.

—Mesmo isso sendo agradável, nós viemos para ver Carol sobre um assunto de negócios importantes de família. Eu tenho certeza que você vai entender e nos desculpar. —Ele disse com desdém quando levantou.

—Claro, senhor. —Declarou Mark agradavelmente quando ele se levantou para uma posição ereta.

—Foi um prazer conhecer você. —Ele disse a Mona.

—Você também. Carol, leve o rapaz até a porta. —Ela ordenou.

Carol se levantou e mostrou o caminho. Assim que eles estavam fora de vista, Mark a puxou para ele e a beijou profundamente.

—Ligue para mim.

Ela assentiu com a cabeça quando ela abriu a porta e o empurrou para fora. Assim que a porta foi fechada, Carol virou-se e, tomando uma respiração profunda, se preparando para enfrentar o drama. Antes que ela pudesse dar o primeiro passo, Mona gritou:

—Vá para o chuveiro e se transforme em algo agradável. Nós vamos levá-la para comer algo.

Um alívio, pensou ela, enquanto corria pelas escadas.

* * *

Eles estavam sentados no encosto alto, das cabines em "U" do restaurante local mais caro, cuja baixa iluminação e assentos espaçosos ofereciam a ilusão de privacidade de outros clientes.

Carol estava na curva, com Mona à sua direita e Tom à sua esquerda, a prendendo no meio.

Não que ela tivesse a intenção de fugir. Os Wolfes tinham sido muito bons para ela. Ela amava tanto quanto poderia amar alguém que não eram seus pais. Eles tomaram a responsabilidade de cuidar dela muito sério, e ela sabia que eles tinham marcado um ponto ao longo dos anos por tratá-la com o mesmo cuidado amoroso que deu ao seu filho Alex. Ainda assim, ela estava extremamente desconfortável.

O alfa soltou outro grunhido.

—Thomas, pare de rosnar para a menina. Carol, pare de ficar se remexendo. —Mona os repreendeu.

—Ela tem medo de nós, seus pais. —Ele rebateu em voz baixa.

—Ela está nervosa. —Mona o contrariou.

—Ela foi capturada, não com as calça curtas, mas muito perto.

Ela suspirou e empurrou o copo e talheres para fora do caminho e descansou os antebraços na mesa com os punhos cruzados.

—Eu posso ver que nenhum de vocês irá sossegar até que possam tirá-lo do caminho, então vamos discutir o que aconteceu para que possamos seguir em frente com a finalidade sua visita.

Carol se deslocou em seu lugar novamente, e então congelou quando Mona a derrotou com um olhar.

—Carol tem agora, 23 anos, tem idade suficiente para experimentar seu primeiro gosto da paixão. O Criador sabe, com vocês e Alex sempre ali, ela nunca teve a chance em casa, mas eu acho que toda mulher deve ter essa oportunidade. Eu sei que você estava esperando que ela permanecesse pura até o seu acasalamento. Você não quer vê-la ferida, mas sejamos realistas neste dias de hoje e nesta idade, e sem nenhuma garantia de que ela vai encontraria o certo. Você realmente quer que ela seja esmagada pelo primeiro macho forte para tomá-la sem ter qualquer tipo de experiência em relações e não saber como lidar com ele?

Tom murmurou algo indistinto, em resposta, mas cedeu. Mona virou-se para Carol.

—Eu sei que nós te ensinamos a ficar longe das relações com os machos humanos, mas realmente, como um meio de testar suas habilidades, eles são perfeitos. Você não precisa se preocupar com a gravidez ou ser acoplada à sua vontade. Sem se preocupar com doenças. Você pode aprender o que significa ser uma mulher e se tornar sexual do seu jeito certo, sem a posse de um macho lobo para enfrentar. Basta lembrar que, enquanto os homens humanos são divertidos para brincar, você não pode deixar de ficar atenta, que você tem uma complicação adicional de ter que esconder quem você é. Além disso, precisamos de todas as mulheres que temos. Você sabe tudo sobre a nossa baixa natalidade, então não há necessidade de eu entrar neste assunto novamente. Eu tenho certeza que você deseja ter filhos algum dia e com tantos machos viáveis para escolher, o que realmente não é pedir muito, agora seria?

—Eu o amo. —Carol disse em voz baixa.

Mona estendeu a mão e acariciou a mão de Carol suavemente.

—Eu tenho certeza que você faz. O que torna tudo mais divertido. Essa é a primeira onda de amor, o desafio de algo novo e excitante. Eventualmente ele irá desaparecer. Você verá. Eu sei que você não acredita em mim agora, mas eu passei pela mesma coisa quando eu tinha sua idade. Por isso acho melhor que isso tenha acontecido com um macho humano. Desta forma, você impede se ver tentada a cometer um erro, como um acasalamento indesejado que irá assombrá-la para o resto de sua vida.

—Eu marquei ele.

Carol manteve o seu olhar dela baixo, mas ela ainda podia ver o olhar espantado que seus tutores compartilharam e sentiu a súbita tensão no ar. As marcas de mordida de acasalamento de um shifter, geralmente se fazia no tendão que se juntou ao pescoço e ombro, não havia nada para brincar com isso. Shifters foram ensinadas desde a infância para apenas conferi-los no companheiro que planejava passar o resto de suas vidas. Afinal, as marcas de acasalamento no mundo shifter eram tão sagradas e obrigatória como os votos no casamento humano.

Apenas, diferente do mundo humano, não havia divórcio, não havia como desfazê-lo quando ele foi feito. O garçom voltou para a mesa com os seus pedidos. Ninguém disse uma palavra que ele deixou os pratos fumegantes de comida diante deles. A tensão era tão densa, que o garçom olhou de uma pessoa para outra. Ele correu para terminar sua tarefa, o tornando ímpeto desajeitado em seu esforço para escapar antes da erupção. Não se atrevendo a olhar para o alfa, Carol levantou os olhos suplicando para Mona.

—Eu sei o que significa. Eu conheço as regras. Minha besta... Apenas... —Ela deu de ombros impotente. —...Assumi o controle .

Mona tinha a expressão alterada entre indignação pela causa e algo que Carol não podia identificar. Ela recomendou outro olhar para seu companheiro, e a atmosfera modificou. Ela ainda estava carregada, mas... Carol tentou colocar um nome para o que ela estava sentindo e não conseguiu.

—Eu acho que você pode se explicar melhor.

Mona disse-lhe suavemente. Carol respirou fundo e começou a falar.

—Eu notei primeiro o seu perfume. Ele cheirava muito bem. Se ele fosse um shifter, eu teria jurado que ele era meu. Era como se tudo que você me disse para esperar, se lembra? Mas ele não podia ser, porque shifters e humanos não podem acasalar.

Ela fez uma pausa para ver se Mona havia entendido. Ela ainda não conseguia ter coragem de olhar para o alfa. Mona assentiu de modo encorajador.

—Eu tentei ficar longe dele. Ele me chamou para sair. Eu disse a ele que não, que eu estava ocupada com o trabalho escolar. Nós conhecíamos que algumas pessoas em comum e nos encontrávamos em alguns lugares. Sempre que ele apareceria, eu ia embora. Se eu o visse chegando, mudava de direção. Eu sabia que um relacionamento entre nós estava errado e não levaria em lugar nenhum. Eu pensei que ele tinha entendido a dica e me deixaria em paz.

—Mas ele não fez? —Mona perguntou.

—Não. Ele disse pouco tempo depois que ele estava tão atraído por mim enquanto eu estava por ele. Mark finalmente me encurralou e me chamou para tomar uma xícara de café, prometendo apenas sentar e conversar com ele, e conhecê-lo um pouco, e depois, ainda não estivesse interessada, ele me deixaria em paz.

A voz de Carol sumiu quando ela voltou a pensar naquela noite. Parecia que tinha sido há muito tempo, mas só tinha sido há poucas semanas.

—O que aconteceu? —Mona solicitou.

—Nós conversamos por horas.... Foi assustadoramente agradável, sabe? Temos muito em comum, e Mark é realmente um grande cara. Maduro, tem uma boa cabeça, pés firmes. Ele sabe o que quer da vida e tem tudo encaminhado para obtê-lo.

Carol suspirou novamente, desta vez um reflexo, lamentando o que sentiu depois no primeiro encontro.

—Ele me acompanhou até meu carro, e eu expliquei mais uma vez que não precisava, que havia me divertido muito, mas nada havia mudado. E ainda não estava interessada.

Fez uma pausa.

—Então ele me beijou e... —Ela olhou em volta rapidamente, abaixando a voz como sempre em manter o que ela era um segredo, e chutou automaticamente... —A outra parte de mim tentou sair.

Em suas palavras, Tom se mexeu pela primeira vez. Mona deu um olhar aguçado, mas não disse nada.

—Eu o afastei para longe, o lembrei de sua promessa, e fui embora.

—Mas ele não queria ficar longe. —Isto veio do alfa.

Ela olhou rapidamente para ele. Ele não estava olhando para ela, mas para o espaço com um olhar contemplativo em seu rosto.

—Mark disse que ele tentou. Que ele tentou encontrar outra mulher para lhe interessava, que tentou me esquecer, mas não conseguiu. Ele apareceu um dia na minha porta, e... O deixei entrar.

Ela terminou baixinho, sentindo as bochechas quentes pela memória que se seguiu. Houve outro silêncio, neste tempo. E finalmente Tom disse:

—Coma. Nós iremos terminar esta discussão depois.

Carol inflamou as narinas quando tentou sentir que o alfa estava sentindo. Ela não sentiu ou ouvir qualquer sinal de desaprovação e raiva. Tudo o que ele estava pensando, ele guardava para si.

Ela olhou para sua vitela, cheia de sangue e suco que sai dela num prato do restaurante projetado especialmente usada para manter a comida quente. Sua batata cozida estava do jeito que ela adorava: coberto com creme de manteiga, creme azedo, queijo, bacon e cebolinha, com muito vapor continuando a sair delas. Os brócolis estavam cozido à perfeição. Tudo parecia e cheirava tão bem, porém e tanto Carol quanto seu estômago não estava em causa, era tão apetitoso como a madeira queimada. Ela teve de se esforçar para pegar a faca e garfo e começar a comer.

Mona começou a discutir o progresso da nova clínica médica que estava sendo construída, da qual Alex estaria no comando. Um subsídio do governo que tinha sido aprovado e estava sendo usado para comprar alguns equipamentos médicos do estado. Além do financiamento federal e estadual, o local e das comunidades ao redor que estavam fazendo de tudo para levantar o dinheiro para fazer de Refúgio a melhor clínica na área.

Não apenas empregos, mas ter uma instalação própria, significava mais de quarenta e cinco minutos impedidos, para descer a montanha até chegar ao hospital mais próximo em situações de emergência. A clínica estava prevista para abrir em alguns meses e era onde Carol estava pensando em fazer o estágio até que sua situação com Mark surgiu.

Agora ela não soube o que fazer. Ela estava tão confusa. A matilha e os responsáveis tinham investido uma grande quantia de dinheiro em sua formação em benefício do bando. Sim, ela tinha tido boas notas na escola e recebeu várias bolsas de estudo e subsídios por causa deles, mas eles cobriram tudo. Mesmo a casa do campus onde ela estava morando tinha sido comprada pelo bando, especificamente para seu uso, em direção dos alphas. Algo que ela não achava que haviam feito por qualquer outro do bando Raven.

Assim como ela deveria dizer a eles, que havia mudado de idéia, que ela queria seguir o seu companheiro onde fosse? Ela não podia. Agora a pequena quantidade de comida que ela conseguiu consumir virou uma rocha em sua barriga.

Capítulo Cinco

—Sua vida amorosa não é o que nós viemos discutir. —Disse Mona depois da refeição.

—A razão que Thomas e eu decidimos visitar em você sem qualquer aviso prévio, foi para dizer que nós decidimos declinar da nossa posição como alphas da matilha Raven.

Carol quase engasgou com a limonada, que ela estava bebendo.

—O quê? Declinando? Mas... Vocês tem certeza que Alex está pronto? Ele tem apenas um pouco mais de trinta anos.

Era já de conhecimento dentro do bando que Alex estava sendo preparado para assumir. A maioria dos alfas eram mais velhos. Muito mais. Como seus meados de 40 anos.

—O Alex sabe disso?

—Sim. Se você tivesse vindo passar o Natal em casa, nós teríamos discutido este assunto com você, então, quando contamos a notícia a ele. —Disse Mona.

Com seus próprios problemas esquecidos, Carol tentou envolver sua mente em torno desta mudança que estava por vir.

—Mas ele não está acasalado. Como é que ele vai lidar com tudo sozinho?

Tendo vivido com alfas, Carol estava bem consciente de tudo o que estava envolvido na liderança de uma matilha.

—É aí que você entra em cena. —Mona disse a ela.

—Eu? —Sua voz guinchou.

—Sim, você. Nós estamos fazendo a segunda no comando. Os mais velhos já aprovaram a nossa decisão. —Mona calmamente informou.

—Mas... Mas... —Carol ficou sem fala.

—Nós ainda estaremos por perto para ajudar e dar conselhos, mas por todos os efeitos, você e Alex vão comandar a matilha Raven. —Mona continuou.

Carol sacudiu a cabeça, completamente desnorteadada.

—Eu não consigo entender. Eu não sou um alfa como Alex, apenas uma beta. Você querem alguém mais forte?

O alfa falou.

—Não. Esta não foi uma decisão repentina. Isso não é tudo que estive preparando para este dia. Você tem dado o coração pelo bando. Está provado que quando você desistiu de seus sonhos de ser ginecologista e obstetra e perseguir a enfermagem, pois era o que o bando necessitava.

Era verdade que ela queria ser ginecologista, mas ela ainda estava no campo da medicina. Ela não achava que ela tinha feito um sacrifício, simplesmente trocou um curso pelo outro. Ela teria o melhor nos dois mundos. Ela poderia dar ao bando o que eles precisavam e ainda satisfazer o seu desejo de entregar bebês saudáveis ao mundo, estudando para ser uma parteira diplomada.

Já que os alfas estavam trabalhando num acordo com a universidade estadual local para que a clínica foi designada como um centro de treinamento adjunto, ela teve que se afastar do bando para concluir seus estudos.

—E apesar de seus muitos desentendimentos, você e Alex trabalham bem juntos. Ele ganhou, não terá que se preocupar com você ultrapassando seus limites ou tentando tirar a matilha dele. —Mona acrescentou. Era verdade que ela e Alex brigavam muito, mas era mais a natureza de irmãos do que qualquer outra coisa, não que ela fosse admitir isso para ele. Ele já era arrogante demais para seu próprio bem. Era seu dever derrubá-lo de numa uma ou duas vezes, sempre que a oportunidade se apresentava, algo que ela apreciava.

—E você disse que os anciãos já aceitaram?

—Sim. Por que não faria, não é mesmo? —Mona perguntou. —Isto não é assim uma surpresa para eles. Eles conheciam nossas intenções desde que era jovem.

—Mas eu não sou do mesmo sangue. —Carol argumentou. Sim, era tradicional que sempre que possível, os filhos alfas mais velhos tomara a matilha após o falecimento ou aposentadoria dos alfas atuais. Além disso, em grandes bandos como a deles, não era inédito que a responsabilidade fosse dividida entre os irmãos, enquanto um líder é claro fosse estabelecida.

—Você é nossa filha de coração e nos olhos na matilha, portanto, tão perfeita como o nosso filho Alex, assim que eu não quero ouvir mais nada sobre este assunto, senhorita. —O alfa disse severamente.

—Sim, senhor. —Disse ela, devidamente assustada.

Mona estendeu a mão e tomou a mão de Carol na dela.

—Carol, você pode fazer isso. Temos toda a confiança em você. Sabemos que, os mais velhos sabem que agora é tudo você que precisa mostrar isso.

—E o que Alex tem a dizer sobre tudo isso?

—Meu filho sabiamente afirmou que não teria ninguém, melhor do que você como o seu segundo. —Thomas estaria com orgulho por ambos, era evidente.

O garçom voltou para a mesa, o que deu tempo para Carol para digerir tudo o que tinha sido dito. Ela seria a segunda no comando da matilha Raven, na linha de chumbo, caso alguma coisa acontecesse a Alex. Era uma responsabilidade muito grande, e algo que ela nunca tinha sonhado, e muito menos considerado que poderia acontecer.

Como segundo, a escolha do companheiro era de fundamental importância para a matilha, já que ele iria partilhar a sua posição e a classificação. Seu coração pulsava e ela esfregou seu peito, mas uma dor emocional. O bando jamais aceitaria um macho humano como seu companheiro. Não agora. Ela teria que deixar Mark.

Tudo nela gritava contra isso, mas tinha que ser feito.

—Carol, você quer a sobremesa? —Mona perguntou.

—Não, senhora. —Pelo olhar preocupado de Moná, ela sabia que Moná podia cheirar a sua dor. Antes que ela pudesse entender errado a sua causa e achá-la uma ingrata, Carol suspirou e disse:

—Eu esperava que de alguma forma, ou de alguma maneira, Mark e eu poderíamos ficar juntos, apesar de nossas diferenças, mas o bando nunca o aceitaria. Muito menos agora.

—Nunca diga nunca. —Afirmou o alfa misteriosamente.

—Se as senhoras estão prontas, podemos ir embora.

Carol tentou decifrar o que sua afirmação significava todo o caminho de casa. Estaria ele dizendo que havia uma chance de que ela e Mark poderiam ficar juntos? Mas como? Mesmo que o bando aceitasse um humano como seu companheiro, ela estava proibida de revelar o que ela era.

E não só isso, Mark tinha seus sonhos de viver na cidade grande. Ela não podia pedir-lhe para acompanhá-la ao Refúgio, onde a população era pequena e havia poucas oportunidades de trabalho, e ela não poderia trair a confiança que os alfas e os anciãos estavam colocando sobre ela.

Se não fosse o bastante, Alex precisava dela. E não havia um jeito que ela pudesse deixá-lo para lidar com as coisas sozinho. Eles ficaram em silêncio, cada uma ocupado com seus próprios pensamentos.

Quando chegaram a casa, Carol subiu para colocar os lençóis frescos sobre a cama no quarto master, enquanto Tom tirava as malas do veículo. Esta não era a primeira vez que seus tutores, bem como outros membros do bando, tinham vindo vesti-la. Isto era uma das razões que não tinha um companheiro de quarto. Bem, isso e toda a coisa ser um shifter. Uma vez terminado, ela abriu a janela do seu quarto e fechou a porta do quarto, esperando que fosse diminuir o cheiro de sexo.

O cheiro de Mark estava impregnado no quarto, enviando uma onda de luxúria e desejo por ela. Não importava o quanto Mona poderia parecer compreensiva sobre ela ter um relacionamento adulto, não havia como ela chamar Mark para passar a noite. Não enquanto eles estivessem aqui.

Além disso, ela poderia muito bem se acostumar a dormir sozinha de novo, uma vez que este seria seu previsível futuro, estar sozinha. Ela podia ouvir Mona movendo-se na cozinha enquanto ela preparava jantar seu habitual café. O alfa subiu as escadas para deixar as suas malas no quarto, embora os dois quartos fosse separados por um longo corredor que se estendeu a duas suítes em tamanho real, com um armário no corredor, e a um ar condicionado, suas narinas ainda se contraiu e o olhar que ele lançou nela mostrava o seu descontentamento.

Carol se deliberando culpada desceu as escadas para se juntar a Mona. Quando chegou o alfa, a conversa continuou onde tinham deixado.

—Nós não vamos apenas despejar a matilha assim no seu colo. —Afirmou Mona.

—Tom e eu estaremos lá para ajudar e dar conselhos quando necessário. Nós simplesmente queremos que vocês se acostumem a seguir por vocês mesmos.

—Nós vamos facilitar tudo para você e Alex. —O alfa acrescentou.

—Lentamente uma a uma deixaremos as responsabilidades sobre a você até que esteja comandando a matilha inteira. Nós pensamos que devemos tempo para todos se adaptarem às mudanças. Além disso, tanto você e Alex ainda estão tentando se estabelecer em suas respectivas carreiras, na clínica médica que estamos tentando construir, e não há maneira que possam fazer tudo isso e lidar com o bando também.

—E também tem o fato de que nenhum de vocês está unido. —Mona disse.

—O que nos leva ao nosso próximo item de discussão. —Disse Thomas assim que ele se sentou no sofá com seu café. —Mark.

Sobre a poltrona grande, Carol puxou as pernas até o peito num movimento inconsciente de proteção.

—Eu já sei que o bando não vai aceitar um ser humano como o meu companheiro, mesmo que eu poderia contar quem eu sou para Mark e ele me aceitasse.

—Neste momento, você não tem escolha, do que dizer quem você é, se ele é o que nós suspeitamos. —Mona disse ela.

—Eu não entendo. —Declarou Carol depois de alguns momentos de silêncio.

—O que estou prestes a dizer-lhe, embora não seja exatamente um segredo, ocorre tão raramente que a maioria dos shifters acreditam que seja um mito.

—Nós ensinamos os machos sobre isso durante o curso de sua formação, porque, francamente, com a crescente falta de companheiras disponíveis, eles precisam de um pequeno pedaço de esperança que podemos proporcionar. Mas raramente, ou nunca, fizemos esta referência para as fêmeas, com razão. —O alfa disse.

Com cada palavra que falava, Carol estava cada vez mais confusa.

—Você se lembra que eu te ensinei sobre companheiros? —Mona perguntou.

—Que esse cruzamento é para sempre, para ser muito cuidadosa na minha seleção. Encontrar um homem que seja forte, aquele que será um bom protetor e provedor para mim e para meus filhotes, que me trate bem. Que não devo apenas aceitá-lo, mas para que haja paz e harmonia em nossa casa, meu lobo deve respeitá-lo também. Também afirmou que se o Criador sorrisse para mim, eu poderia encontrar o meu companheiro de verdade, único e que eu iria reconhecê-lo pelo seu perfume. E nós seríamos atraídos um pelo outro, e quando acasalados, seríamos como duas metades de uma alma, separados na eternidade, e reconectados aqui na terra.

Carol nunca havia esquecido aquelas palavras. Na verdade, ela tinha almejado e orado ao Criador que ela pudesse encontrar sua outra metade, desde que Mona tinha dito a ela sobre isso.

—Que nós não dissemos que ocorre, em raras ocasiões.

—Extremamente raro. —Exclamou o alfa.

—Que companheiros verdadeiros foram encontrados entre os humanos. —Mona terminou.

—Um homem? —Carol tinha testa enrugada, enquanto tentava digerir este novo conceito.

—Sim. Os historiadores falam disso, embora eu nunca vi que isso acontecer na minha vida ou até mesmo nos tempo dos meus pais. —Afirmou o alfa.

—Mas... Mas... —Desorientada, Carol procurou por palavras. —Eu pensei que o acasalamento com os seres humanos era proibido.

—Não é proibido, é desencorajado. —Mona a corrigiu.

—Por um bom motivo. Com a nossa taxa de natalidade cada vez mais baixa e mais homens que mulheres nascendo, acasalamento com os seres humanos seriam apenas uma forma de aumentar a velocidade para nossa extinção como espécie. No entanto, sempre há exceções para cada regra. Esta é uma delas. —O alfa tomou um gole de seu café.

Mona tomou sua xícara, inclinou-se sobre o alfa para deixá-la sobre a mesa e se recostou contra seu lado antes de continuar.

—Companheiros verdadeiros humanos são compatíveis com nossa espécie. Deixe-me esclarecer: um companheiro verdadeiro humano só é compatível com o seu companheiro shifter. A lenda diz que há certos indicadores, sinais que irá permitir um shifter reconhecer um. O primeiro deles é o perfume. Você declarou que o cheiro de Mark foi que primeiro chamou sua atenção, correto?

Carol assentiu com a cabeça lentamente.

—Senti o cheiro dele antes que eu o visse.

—E seu cheiro despertou o interesse de sua besta?

—Sim.

—A marca seguinte é que o gosto. Eu vou assumir que o beijo que você e Mark compartilharam pela primeira vez foi um bem apaixonado, envolvendo o cruzamento de línguas. Após que, seu lobo tenta se libertar-se. —Mona continuou.

Com outro aceno lento por parte de Carol.

—O terceiro e último é o que chamamos de febre acasalamento. O que é a parte onde vocês dois não conseguem manter suas mãos longe um do outro por qualquer período de tempo. E pelo cheiro desse lugar, eu não preciso perguntar se essa parte da lenda é verdadeira.

Carol sentiu seu rosto corar e se apressou em fazer um discurso antes que Mona pudesse falar mais sobre o assunto de sexo entre ela e Mark.

—Então, você está dizendo que Mark é meu companheiro?

—Sim e não. —Respondeu Mona.

—Mais uma vez. —Carol esteve confusa.

O alfa teve pena dela e explicou:

—Você começou o processo de acasalamento, quando você o marcou. Para a ligação para se tornar completa, Mark tem que aceitá-la como sua companheira e marcá-la em retorno.

—Por isso você disse que eu tenho que revelar o que eu sou? —Carol perguntou.

Mona balançou a cabeça.

—Isto é parte da razão. A principal razão deve fazê-lo porque a cada troca de fluidos corporais, o seu DNA está o transformando em um lobo-shifter como nós. Ele tem o direito de saber o que está acontecendo com ele e tomar uma decisão informada antes que seja tarde demais. Uma vez feito, o processo não poderá ser revertido.

Carol esteve petrificada. Se eles dissessem alguma coisa, que ela não pode ouvi-lo. Sua

mente estava há mil.

Mark, um shifter?

Meu Deus, ela respirava, mas não tinha certeza se ela estava rezando ou o quê. Vagamente sentiu Mona esfregar seu rosto com uma mão macia e os carinhos de alfa no topo da cabeça antes de sair da sala.

Como ela deveria dizer isso a Mark? E mais importante, como ele reagiria?

Carol se sentiu mal do estômago. Ela apenas conseguia imaginar como ela se sentiria se alguém lhe dissesse que ela nunca mais poderia ser capaz de mudar novamente. Nunca mais sentir o vento em sua pele ou o som de seu uivo num coro durante a lua cheia. Nunca sentir a força de sua besta interna, ou o cheiro do vento e identificar com uma precisão surpreendente o que cheirava mal.

Ela adorava Mark desesperadamente, mas ela o ama o suficiente para desistir de sua própria identidade, o que e quem ela era? Ela não sabia, mas se a resposta a esta que questão seria não. Ela poderia esperar Mark se sentir diferente?

Algum tempo depois, Carol levantou duramente de sua cadeira, apagou as luzes, e se dirigiu para cima. Ela podia ouvir o som suave dos alphas fazendo amor vindo do quarto, e trouxe um sorriso amargo na boca. Ela havia crescido em torno desta devoção amorosa de ambos. Primeiro com seus pais, e depois os alphas. Ela não esperava ter o mesmo com o seu companheiro. Mas agora ela sabia que nunca iria. Não havia qualquer chance de Mark abdicar de sua humanidade para estar com ela.

Ela teria que se agarrar a cada momento, cada memória que eles criaram e rezar para que isso fosse suficiente para sustentá-la na velhice. Ela nunca amaria outra pessoa do jeito que ela o amava. Por fim, esperava, que quando tivesse passado bastante e a dor não fosse tão forte, ela pudesse encontrar um homem que ela e seu lobo pudesse tolerar. Talvez alguém que perdeu sua companheira também e só estava à procura de companhia.

Ela fechou a porta do quarto atrás dela, se despido, se enrolado na cama, enterrando seu nariz no colchão que ainda continha seus aromas combinados, então se permitiu chorar.

* * *

Depois de um almoço descontraído, os alfas saíram por volta do meio-dia para retornarem ao Refúgio. Carol entrou no carro e dirigiu até um parque estadual nas proximidades. Ela caminhou por um dos caminhos arborizados menos utilizadas até que ela atingisse uma área remota. Testando o ar, ela garantiu que estava sozinha antes de tirar suas roupas e se esconder atrás de uma árvore. Então ela se transformou em lobo e perdeu-se na alegria de correr.

Ela caçou alguns coelhos, esquilos e guaxinins que saíram de suas tocas, mais pelo o divertimento da caça do que pelo qualquer desejo de comer. Mais tarde, ela estava deitada num tronco caído perto de um pequeno riacho gelado e se aquecia ao sol. Quando o sol se pôs no oeste, ela pegou o caminho lentamente de volta para onde ela tinha escondido sua roupa, mudou, e se vestiu. Tremendo um pouco pela temperatura que havia caído, ela começou a correr para conseguir bombear seu sangue, já que ela não estava vestida para o clima. Como um shifter, ela poderia tolerar o frio melhor que os humanos, mas sem seus pêlos, mesmo que ela pudesse sentir o frio não estando devidamente vestida.

Ao chegar em casa, ela encontrou Mark plantado na varanda de sua porta, como se ele estivesse lá durante horas e estava preparado para ficar muitos mais. Ela abriu a porta do carro, e ele foi até lá.

—Você não me ligou. —Ele rosnou.

Tudo nela estava a um ponto de ebulição. Os sentimentos que ela passou o dia todo tentando fugir se romperam num conflito de desejo com base em desespero, e ela se lançou sobre ele. Mark a pegou ar. Carol fundiu sua boca com a dela colocando os braços e as pernas em volta dele como uma anaconda. Carol não soube como eles foram parar ali. Mas quando voltou a si, eles estavam no chão do hall de madeira de entrada. A roupa que não tivesse sido rasgada em pedaços foi arrancada para fora do caminho. Mark se esparramou em cima dela, ofegante.

—Maldição, baby, se estar perto destas pessoas te faz responder assim, eles precisam vir mais vezes.

Carol fechou os olhos e suavemente passou as mãos sobre o seu couro cabeludo numa carícia dolorosa.

—Eu senti sua falta noite passada. —Por dentro, sua consciência estava gritando, Diga a ele!

Ela engoliu em seco. Ele passou a mão desde de seu peito até o quadril, tirando os restos de algumas roupas que ficaram.

—Eu fiquei acordado até tarde, esperando sua ligação.

—Eu... A gente ficou até tarde conversando.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela.

—Tudo bem? Você parece perturbada.

Ela forçou os olhos se abrirem e deu-lhe um sorriso que estava tenso em torno das bordas.

—Um pouco. As notícias que vieram me dar... Foi um pouco surpreendente.

Um porrada seria mais exato.

—Eu ainda estou tentando processar.

—Más notícias?

Ela podia sentir as ondas de preocupação que emanava dele.

—Ninguém está doente, está?

Ela balançou a cabeça.

—Nada disso.

Ela vasculho em seu cérebro para algo que ela pudesse lhe dizer que estaria perto da verdade sem revelar tudo.

—Eles anunciaram que vão se aposentar, assim, declinado de seus postos da organização. Eu não era esperava por isso. Não tão cedo.

—Oh.

Ela podia ver que ele estava se perguntando por que a notícia em particular seria tão perturbadora para ela. Antes que ele pudesse fazer mais perguntas, ela lhe disse:

—Por que estamos deitados no chão, quando poderíamos estar lá em cima na cama?

Desviado deste assunto, um sorriso sexy atravessou seu rosto e ele se levantou, a puxando com ele.

—Agora você volte a falar. Vamos para cima. Eu vou pegar minhas coisas e trancar a porta. Isso é mais tarde. Você já comeu?

Ela deu-lhe um olhar ardente.

—A única coisa que eu quero comer é você.

Ele gemeu, e por um segundo, ela teria jurado que seus olhos brilhavam em ouro. A visão disso fez o seu sangue gelar. Mark puxou sua calça jeans até a cintura e ajeitou sua virilha.

—Eu darei tudo que você puder segurar, assim que eu entrar no quarto.

Ela sorriu, mas seu coração apertava de medo. Ela estava se lembrando das palavras dos alfas.

A cada troca de fluidos corporais, o seu DNA está o transformando num lobo-shifter assim como nós... Ele tem o direito de saber... Antes que seja tarde demais.

Ela correu até as escadas, seu amor e seu senso inato de sempre jogar limpo e honestidade a obrigavam a lhe dizer a verdade, agora, antes que essa coisa entre eles foi mais longe. Mas o medo a deteve. Mais uma noite, ela esperaria. Deixe-me ter mais uma noite com ele, e então eu vou lhe contar tudo. Mas uma noite para me abraçar pelo o resto da minha vida.

Mas uma noite os dois tiveram, e depois duas, três. Antes que ela percebesse, uma semana se passou...

Capítulo Seis

Carol surpreendeu quando sua cadeira foi empurrada. Às vezes durante os últimos minutos, a cadeira havia sido empurrada por outros e agora ela estava sentada no meio de torcida bastante turbulenta. Ela olhou para o lado para ver Lulu, uma dos membros do bando mais antigas, estabelecendo-se num assento.

—Lulu, que bom que você pode ver isso.

—E perder a chance de dizer um olá para os alfas? Você melhor do que ninguém sabe disso.

Carol permitiu um sorriso triste cruzar seu rosto. Na verdade, ela sabia muito. Lulu, Tom e Mona eram grandes amigos. É claro que ela não deixaria a oportunidade de vê-los passar, quando eles já tinham se mudado há quase dois anos.

—Como você está sentindo? —Lulu perguntou. —Isto não é como você se parece.

—Maravilhosa, mas o meu companheiro não quer que eu exagere. —Afirmou rolando os olhos.

—Eu entendo você, criança. —Lulu disse numa risada.

—Mas um ambiente mais calmo nunca fez mal a ninguém. Você deve escutar o que seu homem diz. Ele tem os melhores interesses no seu coração.

—Eu sei. É por isso que estou aqui e não lá fora.

Ela indicou para jogo. Então ela olhou ao redor.

—Senhora Emma não pode vir?

Lulu e Sra. Emma não se largavam, e já que eram viúvas, raramente se viu uma sem a outra. Lulu franziu a testa e balançou a cabeça tristemente.

—Eu tentei, mas desde que Ned morreu... Eu temo por ela. —Admitiu ela.

Sra. Emma chegou e provou que Carol e Mark não era um acasalamento falso. Ela e o Sr. Ned tinham se encontrado num cruzeiro para o Alasca e ele reconheceu imediatamente que ela era sua companheira verdadeira, apesar dela ser humano. Até o final da viagem de quatorze dias, os dois estavam casados. Como ela havia dito a Carol, com a sua idade avançada ela conhecia uma coisa boa quando a via e ela era muito velha para jogar isso fora. Sra. Emma voltou para arrumar a casa dela, com seu companheiro ao seu lado, e mudou-se para Refúgio.

Eles estiveram juntos desde então, e até o momento que Ned foi morto por alguns caçadores que o confundiram com um lobo.

—Ainda me dói, por que nunca pegamos o assassino. —Afirmou para Carol.

—Eu gostaria que ele viesse até nós, quando percebesse sinais de alguém na sua terra em vez de tentar manipulá-lo por si mesmo.

—Caçadores enganadores. Deve ter vindo pelo caminho de Colby. Todo mundo sabe que estas terras aqui são protegidas. Nenhuma caça aqui é permitida, tem cartazes afixados em todos os lugares. Não havia como Ned pudesse saber que as coisas iriam se tornar violentas.

Carol soltou um baixo gemido triste.

—E agora a Sra. Emma esta de luto até a morte. Existe alguma coisa que podemos fazer?

Lulu abanou a cabeça.

—Talvez, se fosse visitar suas filhas, ela poderia recuperar-se, mas isso seria apenas uma correção temporária. Sem seu parceiro, ela perdeu a vontade de viver.

—Você sabe, que é a única desvantagem para este negócio de companheiros de verdade.

—Carol reclamou, incapaz de imaginar sua vida sem Mark nela.

—Não deveria ser assim. Um corpo pode sobreviver à perda de um companheiro, se a vontade for suficientemente forte. Ajuda quando há filhotes. —Afirmou Lulu e Carol sabia que ela estava falando da sua experiência. Lulu tinha perdido o seu companheiro, enquanto seus filhotes eram ainda bastante jovens. Com o apoio do bando e conhecimentos que seus filhos estavam de acordo com ela, conseguiu sobreviver.

—Isto não é fácil e você nunca se esquece, mas pode ser feito. —Acrecentou.

Uma ação do lado de fora chamou a atenção de Carol. Trey, o neto de Lulu, fez um ponto que fez Carol ficar pé, aplaudindo e aplaudindo e gritando seu nome, muito o desgosto do seu companheiro.

—Onde está o amor? —Mark gritou. —O que aconteceu com ficar de pé para seu homem?

Ela riu e gritou de volta.

—Você sabe que eu te amo, baby, e eu ainda vou te amar mesmo depois que meu time, afundar vocês no chão.

Todos estouraram na gargalhada. Ela se virou para Lulu e disse:

—Eu acho melhor você ter certeza que temos bastante comida e bebidas para todos. Os caras estão se esforçando e terão muito apetite.

Lulu acenou para ela. Quando Carol se dirigiu para a casa, ela se lembrou de como Trey tinha sido o catalisador em sua revelação a Mark...

* * *

Mais uma vez ela estava caminhando pelo gramado do campus lotado. Um animado comício antes do jogo havia terminado, e todos estavam dispersos. Carol estava perdida em seu próprio mundo, se preocupando com o problema do que fazer em relação a Mark. Ontem à noite ela desperdiçou mais uma oportunidade para dizer-lhe o que ela era e como seu DNA estava mudando o dele. Quase três semanas se passaram desde que ela descobriu que são companheiros verdadeiros. Mona ligou dia após dia para ver se ela havia contado e o alfa estava ameaçando chegar e dizer ele mesmo a Mark.

Ela sabia que eles estavam certos. Se ela pudesse se libertar do medo paralisante que prendia sua língua quando tentava falar sobre isso. Um cheiro familiar da matilha, a atingiu seus sentidos, segundos antes de surgir diante dela um par de braços de ferro e a abraçou por trás.

—Carol. —Exclamou uma voz acolhedora.

—Trey!

Ela virou-se e deu-lhe um grande abraço, aninhando o rosto carinhosamente.

—O que você está fazendo aqui?

Trey era cinco anos mais novo que ela e um dos membros mais jovens do bando que tinha feito o papel de babá em várias ocasiões. Sempre que o bando precisava, os jovens mais velhos foram encarregados de vigiar os mais jovens. Como sua avó era um ancião beta e seus pais alphas, ela e Trey passaram muito tempo juntos durante os anos. Além disso, Trey era muito divertido, amoroso e bem-humorado, ele era um dos seus favoritos.

—Eu e alguns caras viemos para ver o jogo. —Disse a ela.

Ele havia mudado desde que ela o tinha visto. Ainda alto e esguio, o peito tinha alargado, mostrando um shifter macho forte maduro que ele poderia se tornar. Mesmo que seu rosto tivesse perdido a sua infantilidade. Ele parecia ter uns dezoito anos do que ele realmente tinha.

—É tão bom vê-lo. —Disse ela num suspiro feliz.

—Conte-me como está em casa.

Eles estavam bem perto, profundamente envolvidos numa conversa enquanto Trey lhe contava todas as novidades do bando, quando surgiu uma voz profunda e rosnou com raiva:

—Quem diabos é isso e porque ele esta tocando em você?

O elemento surpresa os tinham feito saltar. Em suas reações deveriam ter feito cara de culpados como o inferno. É difícil apanhar um lobo. Mas de alguma forma, Mark conseguiu pegar os dois de surpresa. Trey deu mais um passo para trás, baixou o olhar e descobriu seu pescoço.

—Desculpe, senhor. Eu estava tão feliz em vê-la, que eu não percebi que ela estava acasalada. Posso estender meus parabéns à vocês dois?

Para Carol, ele disse:

—Que matilha ele é? Será que ele vai juntar-se aos Ravens, ou você vai se unir ao seu território?

Um profundo sentimento de mau presságio encheu Carol quando ela processou do que Trey estava falando. Ele achava que Mark era um shifter.

—O que diabos ele está falando? Matilha, Ravens, território? Carol?

Isto foi um pedido de informações. Trey mudou seu perfume constrangimento de ultrapassar seus limites para a confusão.

—Trey, foi bom vê-lo novamente. Diga a todos em casa, que eu disse oi e espero que vê-los em breve.

Reconhecendo um despedimento quando ele ouvia um, Trey após um último olhar perplexo para os dois.

—Carol... —O cheiro da raiva de Mark agitava sua besta.

Ela suspirou profundamente, sabendo que ela que não poderia deixá-lo fora disso por mais tempo.

—Vá a minha casa. Eu vou te explicar tudo.

—Eu pensei que você tinha que estudar hoje à noite.

—Eu tenho, mas isso é mais importante.

Ela girou nos calcanhares e saiu apressada antes que ele pudesse fazer mais perguntas.

* * *

Ela estava passeando pelo chão da sala, quando ouviu o ronco de um motor de moto mais abaixo.

-Isso não pode ser...

Sim era. Mark estava na entrada da garagem e estacionou a moto ao lado de seu carro. Ela foi até a porta e a abriu.

—Você trouxe a moto? Eu pensei que estava muito frio, que a você deixaria na garagem até a primavera?

Ele colocou o capacete no banco e caminhou decididamente em sua direção tirando sua jaqueta de couro e puxando as luvas, ambos pretos, é claro. Mark respondeu sua pergunta com uma breve resposta.

—Parece bom para mim.

Ele passou por ela dentro da para.

—O que foi aquilo? Quem era aquele cara, e por que ele estava tocando você? Por que você permitiu isso?

Carol fechou a porta e se virou para olhar para ele, ainda tentando achar as palavras necessárias para explicar o que era e o que ele estava se tornando rapidamente. Atirando o casaco no sofá, ele a puxou com as mãos na cintura, e uma perna de impulso agressivamente para frente, e a fixou com um olhar.

—Vamos entender uma coisa. Você é minha mulher e eu não divido. Esta é uma união exclusiva. Entendeu?

A arrogância em seu tom, a emocionou e a consternou, alternadamente. Emocionada, porque ele era tão possessivo com ela, tanto ela era sobre ele, mas consternado porque ele parecia um shifter macho típico. Aparentemente, ela demorou muito para responder a ele, porque ele foi a empurrando e ficou em frente dela, a prendendo contra a sólida porta.

—Entendido?

—Precisamos conversar. —Afirmou ela calmamente, mordiscando o lábio inferior, conforme o olhar dela se afastou dele.

—Sobre o quê? —Sua voz estava perigosamente baixa e os cabelos da sua nuca levantaram em resposta primária pela sugestão de perigo inerente em seu tom.

—É algo que eu preciso te dizer sobre mim. E algo que o afeta.

Seus punhos bateram na porta ao lado de sua cabeça, e ela recuou instintivamente. Mark receber o mesmo aviso. Já que ele saiu, com as mãos na cabeça.

—Merda, eu sabia! Sabia que essa coisa entre nós era bom demais para ser verdade.

Ele virou-se.

—O que é? Você é casada, noiva?

—O quê? Não!

Suas mãos caíram de volta em seu quadril e ele inclinou a cabeça para os lados, numa carranca no rosto.

—Você tem algum tipo de doença? Herpes, AIDS, ou HIV? Preciso de ir fazer um check?

Seus ridículos palpites, transformou o medo do passado, em indignação.

—Nenhuma das opções acima. Você acha que eu teria algo como isso que esconderia de você? Que tipo de mulher você acha que eu sou?

—Eu achava que sabia, até que eu te encontrar se esfregando num cara e o deixando fazer o mesmo com você. Você tem estado agindo de forma estranha desde que seus pais estavam aqui. O que eles fizeram? Ameaçaram dizer ao rapazinho o que você estava fazendo com alguém quando ele não estava por perto? É isto, não é? Por isso você não me ligou quando foram embora. Por que você não queria dar uma desculpa esfarrapada atrás da outra sobre o porquê de eu não devia vir.

—Você esteve aqui toda a noite. —Ela protestou com veemência.

—Isto é porque eu viria de qualquer maneira. Você quer conversar? Fale. Faça isso. Vamos ouvir o que você tem a dizer.

—Tudo bem. —Ela contaria tudo para ele. Deixaria ele fazer decidir o que fazer.

—Eu não sou humana. Eu sou um metamorfo, um lobo-shifter para ser mais precisa.

Ele a olhou por um momento, em completo silêncio. Ela encontrou seu olhar, à espera de sua reação. A tensão, já elevada, se construía em proporções explosivas. Mark respirou fundo e fechou os olhos. Seus punhos, caíram aos lados, apertados e relaxados num ritmo constante enquanto ele lutava contra fortes emoções. Com face para o teto, ele engoliu em seco o suficiente para fazer seu pomo de Adam se mover.

Ela pôde ver, sentir o cheiro, saborear sua fúria sua crescendo.

—Isto é um monte de besteira!

Ele girou sobre os calcanhares e caminhou até o sofá, pegando seu casaco num fluido movimento.

—Se você não quer estar comigo, tudo bem. Mas não venha com essa merda de estupidez de não ser humana. Você deve pensa que eu sou algum tipo de...

Carol, que havia esperado despejar tudo com seus olhos estavam fechados, esperou até que a atenção Mark estivesse sobre ela. Depois, ela se transformou em lobo. Sem nenhum aviso. Sem explicação. Ela sabia o que ele tinha visto. Um minuto uma mulher. No outro uma loba maior do que a média, na cor marrom com dourado na ponta dos pêlos. Ela ficou de quatro, ligeiramente inclinada para frente com a boca aberta para que ele teve um vislumbre das suas presas.

—Putá merda!

Num piscar de olhos, ela voltou para sua forma humana. Nua, ela estava lá com as mãos nos quadris, em silêncio, o desafiando a não aceitar a prova de seus próprios olhos. Mark cambaleou para trás e caiu sobre o sofá, sem piscar os olhos ainda fixos nela.

—Você... Você é...

—Um metamorfo. —Ela terminou por ele, com seu jeito aparentemente calmo.

Internamente, ela estava uma massa de nervos. Ele poderia aceitá-la, assim como era? E se ele de alguma forma milagrosa conseguisse lidar com sua mulher não sendo muito humana, qual seria sua reação para o resto de suas revelações? Um passo de cada vez, advertiu a si mesma enquanto se vestia. Não chegue à frente de si mesmo.

Ele balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro, incrédulo e atordoado, parecendo estar além das palavras. Começando a se sentir como num show de horrores num circo, Carol cruzou a sala até sua poltrona favorita e se estabeleceu com as pernas contra o peito. Quando o silêncio continuou ralando seus nervos, ela começou a falar em voz suave e calma.

—Nós não somos nada, como a televisão e os filmes nos retratam ser. Não fomos amaldiçoados por ciganos. O mesmo Deus que criou você me criou. Nós não somos controladas pela lua cheia, embora nos afeta, como faz há todos os seres vivos deste planeta. Também não fazemos fazer isso de metade homem e metade lobo, essa de coisa lobisomem, como se vê nos filmes.

Carol convenientemente deixou de lado o fato de que os seus machos mais fortes poderiam manter uma mudança parcial por longos períodos de tempo, quando num aperto de emoções fortes como raiva.

—Minha mãe e meu pai eram lobo-shifters, assim como seus pais, e assim por diante e diante. Nós somos muito mais humanos. Há algo em nosso DNA, que nos permite transformar em nossas bestas. Eu não sou um lobisomem, nem eu sou um animal, não exatamente. O lobo é uma parte de mim, mas não tudo. Tem mente própria, sua própria capacidade de raciocinar.

Fez uma pausa. Nunca tendo colocado em palavras exatamente o que significava ser um shifter, ela se aprofundou mais.

—Lobos-shifters têm muito em comum com os lobos. Por causa de nossos animais, nossos sentidos são aprimorados. Nossa visão é mais nítida, temos os senso de olfato e audição melhores e mais forte. E fisicamente nós somos mais forte também.

Ela ficou em silêncio para dar a Mark a oportunidade de falar, fazer perguntas, fazer alguma coisa. Ele se sentou com os braços sobre os joelhos, a cabeça baixa, olhando para o chão entre seus pés.

Depois de alguns minutos de desconforto no qual ela não sabia o que dizer, e se ele estava ouvindo ela ou não, ela continuou.

—Assim como o de lobos, nós acasalamos para toda vida. Nós somos territoriais e vivemos em grupos sociais chamados bandos. Nós cuidamos de nossos jovens e protegemos os mais velhos.

Outro silêncio profundo.

—Quando eu te conheci, mesmo que eu estivesse ferozmente atraída por você, eu tentei resistir porque o namoro fora da minha espécie é proibida. Por razões óbvias, por que não poderia revelar ao homem. Caindo no que significava que eu ter que deixar a minha matilha e tudo o que era familiar para mim, esconder quem sou e o que sou pelo o resto da minha vida se eu quisesse ficar com você.

Ele se mexeu com isso. Sua cabeça levantou lentamente, lançou um olhar direto, muito cuidadoso.

—Mas você me contou. Por quê?

A culpa a obrigou a baixar os olhos.

—Quando meus tutores vieram, eu fiquei com medo que eles fossem dizer que não deveria te ver mais. Surpreendentemente, Mona sugeriu que seria o ideal para mim ter um pouco de diversão enquanto eu não deixasse as coisas ficarem muito a sério. Eu disse a ela que já estava sério. Que eu te amava e te queria como meu companheiro. Então eu disse a eles como meu lobo respondeu a você.

Ela olhou para Mark. Ele olhava para ela com a intensidade de um predador. Carol engoliu, em seguida, desviou o olhar. Como um predador também, ela não estava acostumada a se sentir como a presa.

—Normalmente, os seres humanos e shifters são incompatíveis.

—Defina incompatível.

—Não podem ter filhos juntos.

—Isso explica a falta de controle da natalidade. —Ele murmurou. Até este momento, ela não sabia que ele havia percebido que não tomava qualquer remédio como originalmente implicava.

Nós não precisamos. Você pode não pode me engravidar e eu estou imune a doenças humanas. —Explicou ela.

Ele balançou a cabeça abruptamente. Ela viu isso como um sinal para continuar.

—Mas há casos raros ... às vezes ... O que eu estou tentando dizer...

—Cuspa fora. —Ele ordenou bruscamente.

Ela levou as mãos até a cabeça e a segurou como se fossem as únicas coisas a mantendo de separar.

—Você sabe o que é uma alma gêmea?

—Sim.

—Bem, aparentemente os shifters têm um equivalente, só nós os chamamos de companheiros verdadeiros. Ela é a única pessoa predestinada pelo Criador para ser nosso companheiro. Até recentemente, acreditava que teria meu companheiro de verdade e que teria a sorte de encontrá-lo, que apenas poderia ser outro lobo-shifter como eu. Mona e Tom me disseram que existe casos raros, onde alguns companheiros verdadeiros têm sido encontrados entre os humanos. Pelo que eu o que contei a eles como nos conhecemos e tudo o que se seguiu, todos os sinais indicam que você é meu companheiro.

—Então... —Pensou ele. —Com base nessas informações, eles deram suas bênçãos?

Ele voltou a contemplar o chão e não parecia estar tão chocado ou com raiva. Talvez fosse verdade o que eles disseram. Uma resposta branda, amena enganaria a ira. Pelo menos ele estava ouvindo. Isso era um bom sinal, não era?

Ela abaixou as mãos de sua cabeça e as cruzou sobre o peito.

—Mais ou menos. As regras tradicionais ainda se aplicam aos companheiros de verdade.

—Por quê?

Ele estava começando a irritá-la da forma como ele manteve seu olhar focado em seus pés.

—Por um lado, os companheiros de verdade são compatíveis, ainda tem a mesma preocupação de não termos filhos. Um companheiro verdadeiro é considerado um dom de Deus, e altamente valorizado por isso.

—Então o que me faz adequado quando outros humanos não são?

Ele ainda não estava olhando para ela, embora estivesse respondendo e fazendo perguntas. Ele parecia ter recuperado do choque. Ela tentou saber o que estava sentindo, mas era como bater numa parede em branco e ainda com a cabeça baixa, ela não conseguiu pegar qualquer pista do seu humor. Suas mãos estavam vagamente ligadas e ele parecia estar relaxado, ela continuou com cautela. Agora era onde tudo ficava complicado.

—Os alfas disseram...

—Alfas?

—Mona e Tom, meus tutores. Eles são também a cabeça da nossa matilha.

—Hmm.

—Eles disseram que a febre de acasalamento e a atração sexual entre nós seria explosiva, o que faria com que não pudéssemos ser capazes de manter as mãos longe um do outro, servindo para ambos. Esta febre garante que fiquemos juntos por tempo suficiente para que o vínculo de acasalamento permaneça e tenhamos a capacidade de procriar.

—Como?

A pergunta foi feita num tom tão suave e uma minúscula centelha de esperança acendeu dentro dela. Ele não saiu correndo ou se afastou dela com repugnância. Se eles pudessem apenas passar por esta última parte... Talvez se ela comesse por explicar exatamente por que seriam capazes de ter filhos seria muito importante.

—Nós não temos muitas mulheres, ou crianças interados neste assunto. A proporção de machos e fêmeas é de quatro para uma. Por esse motivo, não há muito o que eles possam dizer das fêmeas. Eles querem que procuremos companheiros em outros lugares, quando tantos dos nossos homens precisam de uma fêmea.

Ela respirou fundo e continuou.

—Na primeira vez que soube sobre os companheiros humanos foi na noite os alfas apareceram. Eles disseram... —Ela engoliu em seco e enviou uma breve oração ao Criador que Mark entendesse. —... Que cada vez que nos tocarmos, beijar ou fez amor, com cada troca de fluidos corporais, você estava se tornando um shifter como eu, e que, uma vez concluída, o processo era irreversível. Por isso eles me deram a permissão, na verdade, eles me mandaram contar a você que ainda tinha uma escolha sobre o assunto antes que fosse tarde demais.

Carol esperou pela sua resposta. A cada minuto que passava, o silêncio se tornava mais opressivo. Seus nervos se agitavam cada vez mais e mais. Sua besta despertou, sentindo uma ameaça, mas incapaz de determinar a fonte.

Capítulo Sete

Lentamente, oh, muito lento, ele levantou a cabeça, e o que ela viu em seus olhos a fez chupar uma respiração afiada. Era uma ira que ela nunca tinha visto antes e orou a Deus para nunca mais ver isso dirigido a ela. Ele a queimava, em chamas, foi quando ele falou.

—Sua puta, conivente e manipuladora.

Houve mais. Muito, muito mais. Felizmente, ao longo dos anos e de penitência amorosa por Mark, tinham entorpecido sua memória de tudo o que ele disse, mas nada iria tirar sua culpa e a dor que restava. Cada palavra foi como punhais afiados cravando em sua alma até que ela fraquejou profundamente dentro de si mesma, que ficou surda, muda e cega para todos ao seu redor.

—... Sua vagina pode ser muito boa, mas por uma buceta não vale a pena dar a minha humanidade para me tornar um monstro, um animal como você.

Então bateu a porta pontuando suas palavras.

Ela não teve idéia de quanto tempo ela ficou ali, naquela cadeira, incapaz de se mover ou pensar, mal respirando. A dor tomou vida, fervilhando numa entidade que consumia todo o seu ser.

—Carol! Carol! —Ela estava muito abalada. —Sai dessa!

—Ele foi embora. —Disse ela com voz monótona diferente da sua.

—Quem foi?

—Meu companheiro. Ele me deixou.

Ela se voltou para o espaço. Então houve bruto movimento a levantando.

—O que aconteceu? —Um comando, que ela podia desobedecer.

Carol repetiu palavra por palavra, tudo o que Mark tinha dito. Ela ouviu as palavras, sabia que ela estava falando, mas ela desassociava ao ponto o que parecia vir de outra pessoa.

—Ele está certo, sabia? Tudo o que ele disse é verdade.

Este era o seu pecado, e a vergonha.

—Não, ele não está. Olhe para mim. Merda, eu disse, olhe para mim!

O comando de um alfa. Era um voz de poder. Seus eram de lobo, brilhando como ouro puro, mostrando suas presas, Alex estava furioso. Ela estava tão cansada. Ela não tinha energia para lidar com ele, ou com a vida.

—Deixe-me, Alex. —Ela implorou, cansada.

Suas garras cravaram em seu couro cabeludo, onde segurava sua cabeça, forçando encontrar o seu olhar.

—Você não vai lamentar até à morte por ele. Eu não vou permitir. Nós não vamos deixar. Volte, Carol. Nós precisamos de você. O bando precisa de você. Eu preciso de você.

Então, ele a puxou da cadeira, em seus joelhos e em seus braços. Outros braços a rodeavam, a envolvendo. Ela se afogou no aroma da matilha, do lar, da família e acima de tudo, do amor. Vozes masculinas murmuraram. Mãos a acariciavam e tocavam. O sentimento de estar segura quebrou o luto. Ela se agarrou a Alex.

—Dói. Deus, isso me machuca muito.

Então, ela chorou.

Um oceano de lágrimas veio depois, Alex a ergueu e a carregou pela escada para o quarto dos alfas. A cama ainda carregava o seu perfume. Ele deitou no meio da cama, e todos eles ficaram em torno dela. Exausta, ela caiu num sono profundo...

Uma mão forte, masculina vasculhou seus cabelos, bagunçando num vaivém.

—Porque você está aqui fora no frio, e escuro, em vez de lá dentro com o resto do bando?

Alex.

—Só estava pensando. —Respondeu ela, sacudindo o passado.

—Hmm...

Ele colocou os braços sobre os ombros e as cruzou sob o seu pescoço, a puxando de volta para seu corpo num frouxo abraço.

—Já que você esta chamando a mãe de "mamãe" agora, isso significa que você vai começar a me chamar como seu irmão?

Ela lhe deu uma cotovelada na face e sorriu quando ele resmungou.

—Claro que não. Eu nunca vou dizer isso para você.

Ele riu apertando seu abraço, divertidamente a ameaçando sufocá-la.

—Mas vou, eu poderia deixar o bebê te chamar de tio. —Ela admitiu.

—Já é um começo.

—Alguém tem que manter a fama de ser o diabinho da mamãe. E eu vou continuar trabalhando nesta parte como irmão. —Ele disse, e ela podia ouvir o humor em sua voz.

Eles ficaram em silêncio, assistindo uma raposa sair da floresta antes dela sentisse o seu cheiro e se afastasse.

—Você está feliz, Carol?

—Sim Alex. Eu estou.

Ele suspirou profundamente, a maneira como ele sempre fazia quando algo estava incomodado. Ela se esperou. Depois de um tempo, sua paciência foi recompensada.

—O pai esteve tentando me fazer entender que é hora que eu comece uma família, para o bem do bando. Mas, não é como se fosse contra a idéia. Eu quero uma companheira. Eu estou cansado de sempre estar sozinho... E sozinho.

—Porém...?

—Porém eu vejo mamãe e papai, e você com Mark, e eu quero o que vocês tem. Claro, eu poderia escolher uma das fêmeas do grupo e me estabelecer, mas...

Carol levantou a mão e cruzou os braços por cima dele, num abraço desajeitado, descansando seu peso contra ele.

—Então ore, Alex e espere. Não se contente com menos do que você merece. Deve existir alguém para você lá fora, e quando for a hora, ela entrará no seu caminho.

Ele descansou a cabeça em cima dela.

—Você acha?

—Eu sei que sim. Nós não tínhamos o conhecimento, sabe dessas coisas sobre os companheiros verdadeiros ser real até que aconteceu comigo. Não pode desistir. Se isso aconteceu comigo, Ned e a Sra. Emma, isso pode acontecer com você também. E quando isso acontecer, espero que você tenha a metade dos problemas que Mark e eu tivemos.

—Você não tinha como saber, Carol. Quando você vai parar de bater nesta tecla? Estar com ele foi de encontro com tudo o que nos foram ensinados a acreditar. As coisas ficaram um pouco difíceis, mas tudo deu certo no final. É isso que importa.

Na tentativa de aliviar o clima, ela perguntou:

—Então o que você comprou para mim de Natal?

Embora eles trocavam de presentes entre o bando, a família ainda tinha que trocá-los. O que viria depois do jantar, o que incluía somente a família e alguns dos anciãos.

—Um presente? Para você? Desculpe, garota. Eu só comprei presentes para minha família este ano. —Disse Alex, fazendo cócegas nela.

—Oh, você... —Ela se encolheu, tentando se livrar dele.

Alex a segurou com um braço e esfregou os dedos da mão livre em cima de sua cabeça. Ela gritou e eles lutaram como as crianças que costumavam ser.

—Você está molestado a minha mulher? —Seu companheiro perguntou quando ele saiu para a varanda.

—Mais como me sufocando. —Respondeu ela. —Me solte. Você sabe que eu não devia ser importunada na minha condição tão delicada.

Ambos os homens bufou.

Mark inclinou ao nível do seu joelho para que ele pudesse ver seu rosto, já que Alex a tinha presa.

—Você é mesma flor delicada que abordou-me mais cedo durante o nosso jogo de futebol?

—Bom...

—Sim, ela me bateu forte, que eu vi estrelas. E o que eu ganho por tentar pegar leve com ela. —Reclamou Alex.

Mark gentilmente livrou do agarre de Alex, mas não parando a brincadeira. Em vez disso, intensificou os dois a encurralaram. Carol sorriu, feliz por ver os dois homens mais importantes na sua vida se dando tão bem, apesar de seu início tão tumultuado...

* * *

A noite em que ela e Mark se separaram, o alfa, sentiu que algo estava errado e mandou Alex, Sam, Craig, e Seth para estar com ela, com o comando para permanecerem até o semestre acabar. Então ela poderia ir para casa em Refúgio.

O alfa já havia feito os arranjos para ela estagiar no hospital em Colbyville, apenas 45 minutos de distância, até que a nova clínica estar pronta. Dizer que os caras estavam para sua proteção foi um eufemismo. Eles eram sua sombra em todos os seus movimentos, a seguindo na aula e sentando ao lado dela. Não que ela se importasse. Emocionalmente, ela estava uma bagunça tão grande que a presença deles era um conforto para ela. Eles exalavam o cheiro do bando e sua casa, algo que ela precisava desesperadamente, enquanto ela lambeu suas feridas e se esforçou para fazê-lo o dia após dia.

Mais do que a dor, era a esmagadora culpa de manter seu segredo por tanto tempo que realmente a atormentava. Mona tinha pedido para dizer a Mark assim que ela descobriu a verdade, mas ela não fez por medo. Ela o amava tanto, que não queria ter a chance de perdê-lo. Mas não só ela tinha perdido ele, mas ela só tinha a si mesma para culpar. Ela estava enrolada no sofá entre Sam e Alex, estava apanhada por este último próximo exame, quando bateram à porta.

O cheiro dele bateu nela imediatamente. Ela endureceu e soltou um pequeno gemido. Alex pegou o ponto, a observando.

—É ele, não é mesmo?

Tudo o que pode foi fazer um aceno com a cabeça.

—Eu tomo conta disso. —Alex tinha os olhos normalmente castanhos escuros agora estavam ouro, e o lobo mal estava entrando em choque.

—Não, Alex, está tudo bem. Eu posso lidar com isso. —Ela protestou e lutou para ficar de pé, embora ela realmente não quisesse, mas os rapazes a estavam deixando preocupada. Todos eles estavam como seus lobos eriçados, cujo seu território estava sendo ameaçado. Mark era forte, mas ele era humano e não era páreo para um alfa como Alex.

—Caras. —Isso foi tudo o que Alex disse, então imediatamente, Seth, Craig, Sam e formou uma parede entre ela e a porta.

Alex abriu a porta assim de repente, Mark tinha o punho ainda levantado para bater.

—Que diabos você quer? —Ele rosnou.

Mark parecia surpreso, mas rapidamente reuniu seus sentidos.

—Eu quero ver a Carol.

—Não. —Anunciou Alex com calma e bateu a porta.

—Alex... —Ela o repreendeu e tentou avançar, mas os caras apertaram fileira na qual tinha que subir nos dedos dos pés para ver por cima dos ombros.

Houve um baque quando a porta encontrou um obstáculo e não chegou a fechar.

—Escute, amigo, eu não sei quem diabos você é, mas eu não vou embora até eu ver a Carol.

Alex resmungou, e pela reação de Mark, Carol adivinhou que ele estava mostrando as presas.

—Eu sou o cara que vai te mastigar e deixar a sua carcaça para os urubus se você não for embora.

Ela pensou que Mark desistiria, mas ele provou que ele era feito de coisas mais fortes. Ele colocou as mãos na porta e contrapôs a força que Alex estava exercendo para porta fechar.

—Façam o seu pior, mas eu não vou de sair daqui sem falar com a Carol.

Alex olhou sobre seu ombro para ela. Tudo o que ele viu em sua expressão o fez hesitar. Finalmente, ele recuou e permitiu que Mark entrasse. Após dois passos dentro da casa, ele comandou.

—Fique longe o suficiente.

Mark parecia que iria argumentar. Então, ele avistou o resto dos rapazes e Carol pairando por trás deles.

—Carol. —Ele disse baixinho: —Podemos conversar?

—Eu acho que você já falou o bastante. —Alex disse a ele.

—Em privado. —Acrescentou Mark.

Alex bufou.

—Qualquer coisa que você queira dizer, você pode dizer isso agora. Nós não vamos deixá-la sozinha com você, não depois da última vez.

Os rapazes assentiram em acordo. A fúria na sala levantou-se perigosamente. Temendo pela segurança de Mark e não tendo certeza se ela estava pronta para lidar com o que ele tinha a dizer, Carol disse:

—Mark, eu acho que você deve ir embora.

—Eu não vou embora até que eu dizer por que vim. —Ele teimosamente insistiu.

Alex sorriu, mais uma mostrando os dentes.

—Ah, eu acho que você vai. Sam...

—Alex, não. —Confessou Carol. Ela tentou empurrar Seth e Craig, mas a empurraram de volta.

Ignorando seus protestos e suas lutas, Alex pegou Mark pelo braço. Mark se balançou, atingiu a mandíbula de Alex com uma força que fez Carol estremecer. Alex bateu a cabeça ao lado, e quando ele se virou para Mark, ele estava sorrindo. Oh merda!

—Você vai ter que fazer melhor que isso, humano.

Carol fechou os olhos. Houve um som impressionante de briga de carne contra carne, em seguida a porta se abriu. Carol olhou para cima a tempo de ver Alex e Sam atiraram Mark para fora da casa, depois, baterem com a porta fechada e trancando. Eles celebraram um com o outro quando Craig e Seth resmungaram em satisfação, a liberando agora que Mark tinha ido embora.

Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para todos eles.

—Por que você fez isso?

Alex caminhou até ela e segurou seu o queixo com a mão, olhando para ela através do seus olhos de lobo.

—Ninguém e digo ninguém, me trata da maneira que ele fez e vai embora assim. Se ele quer você de volta, ele vai ter que vir através de mim. Entendido?

Este era o alfa Alex falando e não seu quase irmão.

—Sim alfa. —Disse ela e baixou os olhos.

Alex gemeu e a puxou em seus braços.

—Carol, você não apenas um membro da matilha, você é da família. Eu não poderia te amar mais se você fosse minha própria carne e sangue. Eu não vou deixá-lo escapar com as coisas cruéis que ele lhe disse. Você acha que eu posso sentir o cheiro quando esta machucada? Ele tem sorte que tudo que fizemos foi lhe bater um pouco.

Os outros rapazes murmuraram em acordo.

—Mas a culpa foi minha. —Protestou ela.

—Nada, Carol. —Alex reiterou fortemente. —Por qualquer motivo. Eu não ligo para quem ele é.

Ela olhou para todos eles. Neste, também eles estavam de acordo. Ela suspirou e colocou os braços em torno da cintura de Alex. Os outros rapazes se aproximaram e os cercaram num abraço coletivo...

* * *

Demorou algum tempo, e houve alguns momentos de tensão por um tempo, mas depois que ela e Mark se reconciliaram, eventualmente Mark conseguiu mostrar mais de si mesmo e tudo foi perdoado. Agora, olhando para a maneira como ele, Alex, e o resto dos membros interagiam, nunca desconfiaria que tinham tido um problema.

—Então, querida, quando vamos comer? Seu homem está com fome.

Ela riu.

—Deixe-me ver se mamãe e papai estão prontos para comer. —Ela disse quando se libertou do abraço dele e se dirigiu para a casa.

Enquanto ela fechava a porta de vidro, ela ouviu Alex dizer a Mark:

—Você pode acreditar que ela está reivindicando meus pais, mas ainda não quer me reclamar como sua família?

—Também, eu não iria querer reclamar esta sua bunda feia. —Brincou Mark.

—O meu traseiro é melhor do que o seu. —Alex disparou de volta.

Ela sorriu e abanou a cabeça. Não havia nada melhor do que família.

* * *

Mark cantarolava baixinho uma canção feliz enquanto ele terminava de limpar a cozinha e tirava o resto do lixo. Hoje tinha sido um bom dia. Ele gostava de estar junto com o bando e o brilho no rosto da sua esposa fez todo o trabalho extra feito para celebrar o feriado valer a pena o esforço.

Além da grande quantidade de petiscos e guloseimas previstos para o bando, ele e Alex tinham assado cinco perus, e Carol já havia feito dois pernil enormes.

Com uma variedade de pratos e sobremesas que teria feito um restaurante buffet, orgulhoso, pelo o que foi consumido seria o bastante pra difundir um. Agora, tudo estava limpo e dispensado, ele estava livre para se juntar ao resto da família e relaxar. Ele virou e apagou a luz da cozinha e foi em direção a família reunida. Ao se aproximar, o som das risadas e provocações feitas eram tão clara como que era como se ele estivesse na sala junto. Estando nas sombras fora da sala, estudou a cena diante dele. Músicas natalinas tocando suavemente ao fundo. A lareira alegremente queimando, a sua luz suave, bruxuleando num brilho suave. Em um canto da sala, em sete pés de pinheiro, Douglas adicionava mais luz e cor, e luzes cintilantes coloridas, refletindo numa infinidade de enfeites de Natal de todas as formas e tamanhos.

Apenas dois presentes solitários residiam sob seus ramos, o resto tinham sido distribuídos anteriormente. Mark cruzou os braços sobre o peito, encostou-se ao arco, e sorriu. Carol e Alex lutavam no chão, como crianças, rindo e brincando e simplesmente jogando conversa fora. Foi bom vê-los sendo tão alegres e descontraídos, por uma vez sem os cuidados e as responsabilidades de serem líderes de um grande bando. Seus pais, Mona e Tom, estavam sentados juntos no sofá, como recém-casados, e olhou para eles com indulgência. Do bando, apenas mais dois idosos ainda permaneceram, a Sra. Lulu e Hiram. Eles se sentavam num banco próximo e falavam com o ex-alfas em tons baixos. Mark assistiu Tom Wolfe, como ele interagiu com os anciãos, os seus filhos, e o mais importante, sua companheira. Ele devia a este homem uma dívida de gratidão que ele duvidava que ele pudesse ser capaz de retribuir algum dia. Deixou seus próprios instintos, ele teria permitido o medo e orgulho impedi-lo de ter a melhor coisa que já aconteceu em sua vida:

Carol.

Graças a Deus Tom chegou e deu um sentido para ele.

O mais importante, ele ensinou a Mark tudo o que precisava saber sobre como ser um shifter macho, incluindo como cuidar de sua companheira. Aliás, Mark, sinceramente duvidava que ele teria feito o mesmo se tivesse sido sua filha. Sua atitude teria sido mais parecida com a de Alex: hostil, de proteção e completamente imperdoável. Ele voltou a pensar naqueles dias negros...

* * *

Ele era um pobre infeliz miserável. Ele conseguia comer. Não podia dormir. Ele estava tão irritado e mal-humorado que mesmo seus amigos o evitavam. Ele queria sua mulher, mas não houve algum jeito que ela perdoasse, não depois que este imbecil aqui havia feito.

Mark soube quando ele conheceu Carol que ela era protegida. Havia algo de inocente e ingênua nela. Depois de passar um tempo com ela e ouvi-la falar sobre seu pai e irmão, ele havia percebido que a primeira impressão esteve correta. Não só ela era protegida, mas mimada também. Mas ela não tinha nada convencida. Ele poderia dizer que ela veio de uma boa casa e que sua família era protetora. Nada como o local, onde ele cresceu. Faltava nela a malandragem e dureza, um receio que as pessoas que cresceram em bairros perigosos aprendiam cedo na vida.

A primeira vez que fizeram amor, embora ela rebatesse paixão com paixão, mostrou a sua inexperiência. Ela era a coisa mais próxima de uma virgem que ele conheceu e apesar dele ser a favor dos direitos das mulheres e que as mulheres possam ter quem elas queriam, ele estava feliz por não ter que saber com quantos homens a sua mulher tinha tido, e como ele se comparada a seus ex-amantes.

Carol era uma lady e a tratou como uma prostituta de rua comum.

Em sua mente, ele ainda podia ver a imagem de como ela tomou lentamente a forma enrolada em si mesma. As elevações que ela havia feito como cada palavra atingiu o seu alvo.

Outra mulher teria rebatido, o negro nela tomaria ascensão, com o pescoço levantado, e com dedo apontado, e ela resolveria os negócios. Mas não a Carol, ela permaneceu sentada lá e apenas aceitou. Uma vez que sua fúria inicial havia esfriado e ele pode pensar claramente, outra vez, então a culpa o golpeou duramente.

Junto com a certeza de que tinham feito uma grande besteira, regamente. Mesmo sabendo que ele estava errado e lhe devia um pedido de desculpas, não conseguia estar com ela.

Ele ainda estava aborrecido.

Ela mentiu para ele. Usou ele.

Ela alegou que o amava, mas se ela realmente não amava, ela deveria ter dito que estava acontecendo, assim que ela descobriu a verdade? Era a sua vida, sua humanidade com quem estava fudendo. E por essa razão, a raiva ainda ardia.

Não ajudou, agora que ela tinha aberto sua atenção, ele estava percebendo algumas coisas. Mudanças nele que antes julgava ser a sua imaginação. Seus reflexos eram mais rápidos, os sentidos mais nítidos. E havia essa coisa que crescendo dentro dele. Podia senti-lo, o assustando muito. Ele não sabia como lidar com ela ou com ele mesmo. Ele não era um homem feito para estar fora de controle. Ele precisava de ajuda, mas era teimoso demais para pedir. E ajuda significava ir até Carol, a única pessoa que sabia o que ele estava se tornando, e ele não estava pronto para fazer isso.

Ainda não.

Além disso, ele não confiava nele mesmo estando tão perto. E toda vez que ela a via, ela estava acompanhada com um cara, ou melhor um grupo deles. A coisa dentro dele não os queriam próximos da sua mulher. Ele não sabia o que, nem quem eram. Ele simplesmente queria que eles fossem embora. E o homem estava totalmente de acordo. Ele não decidiu ainda se ele ainda a queria, mas ele tinha a maldita certeza que ele não queria ela com ninguém até que ele poder recompor sua mente.

Finalmente ele percebeu que essa coisa dentro dele não estava desaparecendo. Engolindo seu orgulho, ele foi até Carol para descobrir o que ele precisava saber para lidar com isso, só para ser jogado para fora. Pelo menos ele sabia quem era um dos caras com ela estava:

Alex, seu irmão.

Isso explica muita coisa. Infelizmente, o incidente em sua casa, o irritou mais uma vez e mexeu com a cabeça mais do que já estava. Não demorou até um de seus professores o confrontá-lo sobre suas notas estar caindo, e fazê-lo perceber que era melhor ele ter a cabeça de volta no jogo. Ele não chegou tão perto de alcançar seus objetivos, para ser reprovado agora. Nas próximas semanas ele passou tentando se aproximar da sua falta de atribuições e levantando suas notas. Quando ele deu por si, Carol tinha ido embora.

Ele nunca pensou que iria embora. Ele pensou que, quando estivesse pronto, as coisas entres eles voltaria a funcionar. Afinal, ele era o único que tinha sido injustiçado.

Por que diabos ela tinha ido embora?

O semestre ainda não tinha acabado. Em apenas duas semanas, eles teriam os exames finais. Se esse era o jeito que ela queria, então foda-se ela. Ele não precisava desta merda. Havia muitas mulheres por aí. Ele eventualmente encontraria uma que não faria a sua pele se arrepiar.

Mark terminou os exames finais.

Não foi o melhor trabalho que ele tinha feito, mas ele passou. Neste ponto, isso era tudo o que realmente importava. Decidido a tirar o verão para colocar a cabeça no lugar, ele se concentrou num trabalho. Seu estágio começaria no outono e precisava reconstruir sua economia desde que ele estaria trabalhando sem remuneração.

Para se certificar de que ele teria tempo para pensar, ele trabalhava em dois empregos em tempo inteiro. Quando não está trabalhando, se exercitava. Ele comia o suficiente para se manter em movimento, mas não encontrando algum prazer nisso.

Sono só veio quando a exaustão tomava conta dele.

Ele esteve fazendo isso por cerca de um mês, até quando bateram à porta do seu apartamento. Era raro ter um dia de folga, então hoje ele estava em casa. Mark terminou de amarrar o cadarço do sapato de atletismo, agarrou sua bolsa de ginásio, e se dirigiu para a porta, não estava no humor para receber visitas.

Abrindo a porta, ele deu uma parada abrupta.

—O que você está fazendo aqui? Recebi a mensagem de seu filho. Sua preciosa filha está fora dos meus limites. Eu já entendi isso.

Thomas Wolfe levantou uma sobrancelha e analisou ele. Alguma coisa sobre em seu jeito, fez Mark engolir e desviar o olhar. Talvez tenha sido o foco do seu olhar com aqueles olhos estranhos. Este não era um homem que alguém deveria brincar.

—Milha filha está de luto por você. Se você a ama e quer ela de volta, eu posso ensinar a você, o que precisa saber para reclamá-la. Agora se você não está interessado... —Ele começou a se afastar.

—Espere! —A palavra saiu da sua boca.

Tom fez uma pausa.

—Sim?

—Eu a amo, disse Mark em palavras sufocadas. Como uma barragem pronta para estourar, ele veio derramou tudo ele. —Eu não consigo dormir. Nem comer. Eu sinto que estou enlouquecendo. E em cima disso tudo, há... Essa coisa dentro de mim. Ela... Isto esta me deixando louco.

O olhar que Tom lhe deu estava cheio de simpatia e aprovação.

—Isso era tudo que eu precisava ouvir.

Capítulo Oito

As próximas oito semanas colocaram o seu tempo no serviço militar no chinelo. Ele pensou que tinha trabalhado duro para o Tio Sam. Mas o governo não tinha nada da formação que Thomas Wolfe, o submeteu. A primeira ordem era declarar sua lealdade ao bando de Raven e Tom Wolfe como alfa. Em seguida, ele deixou seu emprego, empacotou seus pertences e mudou-se no escuro da noite para uma pequena cabana de caça no fundo das montanhas que foi dito ser território da matilha Raven.

Seu novo alfa lhe ensinou tudo o que precisava saber de como ser um lobo-shifter. Suas lições incluíam como caçar, e lutar em forma de lobo. Pelas três primeiras semanas, e o único alimento que lhe era permitido era o que ele conseguisse caçar. Qualquer aversão ele poderia ter tido em comer carne crua foi rapidamente perdido quando a fome dos seus instintos animais chutou dentro.

Em seguida Tom o ensinou a explorar o poder do lobo, enquanto em forma humana, usando seus sentidos avançados para a sua maior vantagem. Uma vez que Mark aprendeu a controlar a mudança e mudar num único instante, o alfa lhe ensinou a não se perder para seu animal enquanto estava deslocado. Ele ensinou-lhe como controlar suas emoções e, portanto, controlar o seu lobo, em vez de deixá-lo controlá-lo. E o mais importante, ele ensinou a Mark como pensar, como um homem, enquanto estivesse no corpo do seu lobo.

E esse foi apenas o começo.

Ele chamou um membro do bando, um historiador, um homem pequeno, chinês, chamado Hiram. Com este Hiram, Mark aprendeu a história do bando Raven e especificamente sobre os lobo-shifters em geral. Ele aprendeu que os Ravens tinham alianças com aqueles que mantiveram uma paz, e com aqueles que ele precisava para evitar a todo custo. Ele aprendeu que matilhas e espécies governavam o território, e qual o tamanho e tipo de bandos ou grupos eram.

As complexidades das relações Interbando e intra-espécies fez o exercito parecer juvenil, em comparação. Da Sra. Lulu, uma idosa mulher afro-americana que lembrava sua avó paterna, a primeira coisa que aprendeu foi que para os shifters, não havia raça, cor, etnia, que importasse. Os shifters não viam diferenças de cor, mas sim em espécies e força.

E sim se uma pessoa era shifter, humano ou vampiro. Entre shifters, havia lobos, gatos, raposas, chacais, hienas, ursos e muito mais. Os vampiros foram os mais fortes de todos os seres sobrenaturais e geralmente vistos com desconfiança.

Ela também lhe ensinou as etiquetas lobo-shifters, que variava de matilha para matilha, mas tinha regras comuns para todos eles. Mark se comparou nas forças armadas, lidando com os diferentes ramos. Por exemplo, o exército fazia as coisas de uma maneira, a marinha de outro, mas todos eles faziam parte do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, portanto, regiam pelas mesmas leis. Como os militares, cada pessoa dentro do bando tinha suas próprias hierarquia, do mais alto ao mais baixo, e havia regras que regiam a forma como cada posto deveria ser tratado.

De Mona ele aprendeu como tratar as mulheres do bando e mais especificamente, como reclamar e tratar sua companheira após o acasalamento. Recebeu aulas de como cuidar dos mais jovens e dar o devido respeito aos idosos. Os jovens e os idosos deveriam ser protegidos acima de tudo. Companheiros deveriam ser tratados com amor e respeito. Ela lhe ensinou a dominar a sua companheira sem ser dominador.

Após oito semanas de treinamento intensivo, os alfas consideravam ele pronto para ser introduzido no bando. Eles fizeram uma reunião surpresa especial, para todos os Ravens.

Mark estava na direção do vento nas sombras, observando como eles saíam pelos carros, em dois pés, em quatro pernas, até a clareira estar cheia em sua capacidade. Eles ficaram em torno em pequenos grupos, com as suas curiosidade palpável.

Mark manteve seu olhar dirigido para o seu objeto de seu desejo, sua razão de sofrimento por atravessar o campo shifter de contração do inferno, se perguntou, se agora que o momento estava na mão, ele teria sucesso?

Em seguida, a sua arrogância natural o fez retroceder.

Ele tinha sobrevivido as gangues em sua casa, o Tio Sam jogando tudo para ele, e seis anos de faculdade. Ele poderia fazer isso também. De pé sobre uma elevação natural estavam Tom e Mona. Ladeando atrás deles estavam Carol e Alex. Para ambos estavam ao lado de Lulu, Hiram, e os outros quatro anciãos da matilha. Eles enfrentaram uma multidão de quase três centenas de homens, mulheres e crianças.

Como havia sido explicado a ele, as mulheres, crianças e idosos eram colocados no centro, rodeada por três lados por todos os homens da matilha que eram maiores de idade. Mark moveu-se até que ele esteve um pouco atrás e à esquerda do bando, quase escondido pelas árvores, esperando o seu momento.

Thomas ergueu as mãos, chamando a ordem na multidão.

—Hoje eu gostaria de apresentar o mais novo membro do bando Raven.

Esta foi a sua deixa. Enquanto a multidão murmurava e olhavam em volta, ele mudou para um enorme lobo cinza com manchas pretas e se aproximou. Quando sua presença foi notada, eles se separaram, como água, permitindo-lhe fazer um caminho até a frente.

—Seu nome é Mark Johnson, e ele já me deu sua fidelidade ao bando. —Tom continuou.

Carol respirou fundo e deu um passo para trás. Alex e alguns outros imediatamente começaram a rosnar. Quando Mark se aproximou do centro da clareira, um borrão veio voando em cima dele pela direita. Um desafio pela posição, para determinar sua classificação dentro do bando. Se ele queria ter Carol ao seu lado como sua companheira e ser o co-beta do bloco, teria que começar aqui. Sem hesitação, ele chamou todo o treinamento que tinha recebido e lutou contra o seu adversário, e o próximo, e o próximo, até que perdeu a conta. Ainda bem que seus instrutores haviam lhe advertido que sua nomeação no bando, não iria ser fácil, e a parte mais difícil ainda estava por vir.

Sangrando, contundido, mas não intimidado, Mark continuou em direção ao seu objetivo:

Carol, sua companheira.

Três lobos mais saltaram da multidão para o barrar o seu caminho. Pelo cheiro deles, Mark sabia que estes eram os palhaços que tinha sido a sombra de Carol pelo campus antes dela ir embora, e os rapazes que haviam realizado a sua volta na noite em que retornou para casa.

Ele soltou um grunhido e avançou para frente, com a raiva e a justiça do seu lado. Ele e seu lobo se uniram num só. Cada obstáculo seria derrotado. Nada poderia impedi-los de ter sua companheira. A luta foi cruel e sangrenta. No final, Mark mostrou-se mais determinado, e os outros lobos cederam, permitindo-lhe passar.

Menos de seis metros de distância do seu objetivo, ele estava perto. Quando um enorme lobo rosnando com pêlo cinza com preto e olhos dourados de um passo à frente, barrando seu caminho.

Alex.

Pela primeira vez, o alfa interveio.

—Não.

Alex virou o focinho ao redor e rosnou para o pai.

Thomas cerrou os olhos para ele, quando ele falou novamente, sua voz estava banhada com o poder, lembrando a Alex quem era o alfa.

—Você quer brigar? Lutem como homens.

Mark deslocou para humano antes que a última palavra fosse completamente dita da boca de seu alfa.

—Com prazer.

Alex mudou também, um sorriso no seu rosto teria assustado um homem menor.

Mark levantou as duas mãos e fez um sinal para Alex seguir a diante. Alex veio para frente, e o primeiro soco que acertou em Mark levou sua cabeça para trás. Mark sacudiu a cabeça e girou brevemente sua mandíbula para soltá-la.

—Isto é tudo. —Disse Alex. —Deve a Carol muito mais.

Então a luta começou pra valer. Os dois estavam bastante equilibrados em termos de tamanho e força, embora Alex era cerca de um palmo mais alto que sua cabeça. Alex tinha os seus reflexos shifter e força mais aguçados, mas ele tinha a mesma vantagem que o Mark. Mark tinha crescido nas ruas da Filadélfia e sabia como lutar sujo. O que ele não tinha aprendido enquanto crescia, o exército lhe havia ensinado, dando o sua já proeminente habilidade de luta uma nitidez letal.

Eles lutaram até o alfa ordenar que parassem.

—Basta!

Alex caiu de joelhos, sugando fundo o ar. Mark tinha a satisfação de ainda estar de pé, mesmo que ele estivesse curvado na cintura, com as suas mãos apoiados em seus joelhos, sendo as únicas coisas que o mantinham ereto. Ele ofegava, tentando recuperar o fôlego.

Alex tinha um maldito soco para um civil.

O alfa estava anunciando ao bando que Mark, até recentemente, tinha sido humano. Que ele havia passado as últimas semanas aprendendo o que significava ser um shifter, e tudo com o objetivo de reivindicar a sua companheira, a sua verdadeira companheira, Carol. Enquanto o alfa estava falando, Mark recuperou o seu equilíbrio. Assim que ele terminou, Mark derrotou Carol com um olhar.

—Carol...

Ela olhou com incerteza no primeiro instante, depois com o queixo firme.

—Sim?

—Corra.

Seus olhos se tornaram grandes, e ela olhou para seus pais, Alex, e o resto da multidão. Talvez para ver se alguém iria impedi-lo?

Sem chance no inferno, querida.

—Agora. —Acrescentou suavemente.

Ela deu um passo para trás, depois outra, antes de girar nos calcanhares e sair correndo para dentro da floresta. Mark endireitou lentamente sua posição. Ele revirou os ombros para trás algumas vezes e balançou os braços para soltá-los. Então ele inclinou o pescoço de um lado para outro, grunhindo em aprovação, uma vez que deu um estalo satisfatório.

—Se vocês me desculpem... —Disse ele aos alfas. —Eu tenho uma companheira para reclamar.

E com essas palavras, ele mudou para lobo e avançou atrás de sua companheira...

* * *

Relembrando-se de como ele a tinha capturado e reivindicado ela, primeiro como um lobo e, depois, como um homem, lembrou da sua promessa que havia feito esta manhã, para fizesse do seu jeito e Carol tomou cuidado hoje, sem exageros. Quando o seu membro se levantou em atenção, ele pensou que agora era a hora uma boa como qualquer outra.

Avançando para a sala, ele caminhou até a sua companheira, a agarrou pelo braço e a levantou.

—Está na hora da futura mamães dizer boa noite. Diga a boa noite a todos, Carol. —Ele instruiu enquanto a rebocava por atrás dele.

—Mark. —Ela repreendeu, soando escandalizada.

—Boa noite, a todos. —Ele falou por cima do ombro. —Sintam-se livres para permanecerem o tempo desejarem. Fechem a portam quando saírem.

Um coro de boa noite e alguns comentários sugestivos cumprimentou seu anúncio. Ele sorriu, sabendo que, assim como sua companheira, podia cheirar a sua luxúria. Então, como ele podia sentir o seu constrangimento e excitação crescente.

—Você têm cinco segundos, até ficar nua e na cama antes que eu rasgue a sua roupa direito de seu corpo. —Ele disse a ela, enquanto fechava e trancava a porta do quarto.

—Cinco segundos? Isto não é muito tempo. —Ela argumentou, com as mãos nos quadris.

—Quatro. —Contou, atirando sua camisa no chão.

—Que tal um banho? Você não acha que depois do dia que tivemos, precisamos tomar um banho?

—Três. —Suas calças caíram no chão. —Você irá ficar suada de novo.

—E os nossos convidados? Você sabe que eles podem nos ouvir aqui. —Protestou ela, mas lutava contra um sorriso, e pôde sentir o cheiro do creme escorrendo de sua entrada.

—Dois.

Ele saiu da box branca que ele usava.

—Você não estão realmente se preparando para rasgar minha roupa, não é? Eu gosto deste modelo, é novo, foi comprado para hoje.

—Um. —Ele ergueu as mãos para o alto e viu suas unhas crescerem em garras. Houve momentos que não ser humano tinha suas vantagens. E agora era um deles.

Carol lentamente e deliberadamente se inclinou para desamarrar os cadarços de suas botas no tornozelo, abaixando de uma maneira que teve certeza que poderia ter uma boa vista da sua bunda deliciosa que ele tanto amava.

—Que exibida! —Ele soltou um rosnado baixo. —Hora de avançar. —Ele foi para frente com determinação.

Ela se endireitou, com uma expressão de falso alarme em seu rosto.

—Espere, espere! Veja, vou me despir. —Afirmou, alcançando a bainha de sua camisa.

—Tarde demais. Alguns golpes com suas garras, e sua túnica de veludo vermelha com a árvore de Natal estampada, cuja ornamentação realmente eram iluminados, e as calças combinando foram história. Ele parou quando avistou uma minúscula tanga vermelha, que ela usava por baixo e o sutiã correspondente ao modelo.

Observando o seu interesse, ela perguntou:

—Você gosta?

—Sim. Eu não me lembro de você ter posto isto, esta manhã. —Admitiu.

Um sorriso perverso atravessou seu rosto.

—Eu não estava usando. Eu os coloquei, quando eu mudei de roupa para o jantar.

Mark estendeu a mão e correu a ponta de um dedo sobre seu monte coberto de rendas.

—Bonito. —Ele balbuciou antes de arrancar sua calcinha. O sutiã seguiu rapidamente, à deriva no chão num monte de restos de renda.

—Ei! Eu pensei que você tinha gostado desses. —Protestou ela.

—Eu gostei. Certifique-se de comprar mais. —Afirmou a ela enquanto ele a levava na direção da cama.

—Sobre suas mãos e joelhos. Eu quero ver essa sua buceta. Eu tenho uma promessa a cumprir.

Carol tinha os olhos trocados em ouro, e ela estremeceu. Sem perder tempo, ela subiu na cama e apresentou sua bunda.

—Abra as pernas, baby. Quase isso. Um pouco mais agora. Perfeito.

Ele se ajoelhou no chão atrás dela. Mordiscando uma bochecha e depois a outra, mordeu suavemente com os dentes, sorrindo, quando ela deu um pequeno gemido. Ela estava pronta para ele, estava tremendo, queria mais.

—Hum, olha que bonita ela é. —Mark correu um dedo através da umidade em sua fenda e a trouxe à boca.

—Desde que esteve grávida, a sua essência mudou. Está mais grossa, mais cremosa, mais rica. Tão doce que me deixa desejando mais.

Separando os grandes lábios, Mark enterrou o rosto entre as pernas dela e a saboreou.

—Mark, baby. —Ela gritou, tentando ganhar distância.

Ele fechou a mão em volta dos seus quadris e ignorou seu débil protesto. Depois de todos estes anos juntos, ela ainda não tinha se ajustado a intensidade de sua paixão, quando a saboreava assim. Era por isso que ele adorava fazer isso. E sabia que a cada lambida e ela iria à loucura.

Seus gritos tornaram abafados, e ele percebeu que ela enterrou seu rosto num travesseiro para não gritar. Quando seus joelhos estavam em risco de desabamento e pensou que ela já teve o suficiente, então se levantou e enterrou o seu comprimento em sua entrada.

Ela apertou em torno dele, impedindo-o. Seus olhos se cruzaram e teve que apertar seu pênis na base para evitar que isso acontecesse. De repente com uma palmada na sua bunda, ele a repreendeu.

—Desista disso. Eu prometi uma longa viagem, e irei dar exatamente isso a você.

Para uma boa medida, ele espancou a outra face também. Como um shifter, Carol gostava de sexo violento, mas em sua condição, não podia arriscar. Então, para dar-lhe essa vantagem de dor que ela tanto amava, espancava seu traseiro, alternando as faces e ritmo então ela nunca sabia quando o golpe seria profundo.

—Oh, Deus. —Ela gemeu e rodeou seus quadris apertando ao redor dele novamente.

—Não, querida. O meu nome é Mark. —Disse ele com um sorriso perverso.

Ele estabeleceu um ritmo lento e constante, deslizando profunda e retirando até que esteve quase completamente para fora antes de empurrar para frente novamente. Mark a montou até o suor começar escorrer pelo seu rosto e suas bolas pressionarem apertadas contra seu corpo enquanto ele lutava para segurar o seu lobo. Finalmente, não pode suportar por mais tempo.

—Calma, baby, está prestes há ficar um pouco áspero. Me diga se for demais.

Mark subiu no colchão e cobriu sua companheira, seus braços plantaram na cama por cima da sua cabeça. Então, ele soltou a corrente em volta da besta que estava gritando para ser livre. Seus dentes cravaram em seu pescoço, a segurando no lugar, e os sons de sucção molhado e carne contra carne encheram a sala. Carol se curvou abaixo, e ela veio num grito. A sensação de tê-la ordenhando seu pau, fez com que ele soltasse um rosnado profundo quando seu membro expandiu numa proporção gigantesca antes do sêmen ser expelido de seu corpo. Ele tomou fundo e o manteve ali enquanto veio e veio, e veio um pouco mais.

A tensão o deixou num ímpeto, e ele caiu para o lado, puxando sua companheira exausta com ele. Ele a acariciou suavemente da coxa ao seio, até sua respiração lentamente estar equilibrada.

—Isso compensou você por não ter exagerado hoje?

Ela soltou uma risada, como se a sua pergunta a tivesse assustado, e ele gemeu quando seu movimento acariciou seu pau, que ainda estava abrigado dentro do corpo dela.

—Oh sim. —Assegurou ela com um suspiro satisfeito.

—Ótimo. Tenho que manter meu amor satisfeito. Muitos muitos lobos por aí estão procurando suas companheiras. —Disse a ela, apenas brincando.

Mark nunca se deixaria esquecer o quão feliz ele era ou quanto sua mulher estava. Ele não precisava ir longe para encontrar um bom número de homens que ficariam felizes por estar na sua posição.

—Espero que Alex encontre uma companheira em breve. Eu odeio vê-lo tão infeliz.

—Ele vai. Há algumas mulheres agradáveis dentro do bando.

Carol deu um suspiro.

—Eu sei, mas ele não quer nenhuma delas. Ele quer o que nós temos e não posso culpá-lo. Além disso, Alex deve se acasalar, mas não desta forma. Eu sei que ele será um bom companheiro para qualquer uma delas, mas ele merece muito mais. Ele merece o amor.

—Bem, não há nada que podemos fazer, além de ser solidário com ele e esperar que o Criador lhe envie uma companheira do jeito que ele fez conosco. —Disse Mark terminado.

Sentou-se e soltou seu corpo do dela.

—Vamos lá. Foi um longo dia. Vamos tomar uma ducha rápida e que quero descansar um pouco.

—Tudo bem. —Ela concordou e se levantou da cama, com uma expressão pensativa ainda em seu rosto.

—Ei... —Ele a pegou pela cintura. —Pare de se preocupar. O que tem que ser, será.

Um sorriso triste atravessou seu rosto e colocou os braços ao redor de seu pescoço.

—Você está certo. Eu sei que você está. Mas não posso deixar de me preocupar.

Mark deixou cair um beijo em seus lábios.

—Vamos ver se eu consigo redirecionar os seus pensamentos para algo mais agradável.

Ele a puxou para o banheiro e começou a fazê-la esquecer de tudo, nada além dos dois estarem juntos.

Epílogo

—Só um minuto, filho. Nós precisamos dar uma palavrinha com você.

Alex parou com uma mão sobre a porta do carro aberta.

—Sim, Pai?

Ele esperou enquanto os seus pais passavam por ele, controlando a sua curiosidade. Eles estiveram juntos na noite passada e hoje durante todo o dia, discutindo cada tópico, sob o sol.

—O que precisava ser dito que não foi?

—Os anciões se aproximaram de nós hoje... —Seu pai começou.

—Os anciões? Sem ofensa, mas se há algum problema dentro do bando, como o alfa, eles deveriam vir a mim. —Disse Alex interrompendo.

—Eles estão preocupados com a sua falta de companhia e assim como nós. —Explicou sua mãe.

Alex sentiu os músculos de sua garganta contrair.

—Eu...

—Você tem sido o alpha há dez anos. Neste tempo você deveria ter acasalado. —Afirmou seu pai.

Não isto outra vez.

—E você acha que eu não quero?

Alex pensou em sua nova casa que tinha construído e o solitário presente debaixo da sua árvore de Natal, que comprou para a companhia que desejava que ele tivesse.

—Então, qual é o problema? —Sua mãe perguntou, mostrando preocupação em seu rosto.

—Eu quero o que você e meu pai têm, assim como Carol e Mark encontraram. Eu quero a escolhida.

—Ah, Alex.

Sua mãe se adiantou e colocou a mão em seu braço.

—Seu pai e eu nos amamos muito e eu não consigo imaginar minha vida sem ele, mas ela não é o meu verdadeiro companheiro.

—O quê? E esta foi a primeira vez que ele escutou isso.

—Filho, nós estamos muito felizes por Carol e Mark assim você está, mas os fatos são o que eles encontraram algo extremamente raro. As chances de você encontrar sua, se ela estiver mesmo lá fora, são escassas. Você ainda pode ter um acasalamento bom, com amor, sem encontrar a escolhida.

Alex sentiu sua expressão endurecer, o que sua mãe chamava sua cara de teimoso. Ele sabia que tinha uma companhia de verdade. Raro de encontrar não significava impossível. Sua mãe notou isso e suspirou.

—Alex, pelo menos, faça um esforço. Isso é tudo que nós estamos pedindo.

—E vocês acham que eu não tentei? —Ele explodiu.

A sua frustração com a situação estava começando a tirar o melhor dele. Quantas vezes eles queriam discutir isso? Destrancando o carro, ele se afastou de seus pais, precisa de espaço.

Em um tom mais calmo, ele os lembrou.

—Nenhuma das mulheres me interessam no bando.

—Existem outros bandos. Os Sparrowhawks, o alfa tem uma irmã. —Disse seu pai.

Alex bufou em seu desprezo enquanto ele se virou para seu pai.

—Os Sparrowhawks são atrasados. O alfa matou o seu próprio pai para tomar o controle.

—Na costa leste, há pelo menos vinte outras matilhas. Uma delas deve ter uma mulher que mexa com você.

—Os outros bandos estão tão escassos em mulheres como nós. Além disso, o que você quer que eu faça, deixe a matilha à sua própria sorte, enquanto eu vou a caça de uma companheira?

—Carol é mais do que capaz de lidar com o bando temporariamente e a clínica médica.

—E a minha prática veterinária? —Alex soltou, num tom pesado em sarcasmo. —Quem vai lidar com isso? Carol é uma enfermeira, e não uma veterinária. Eu deveria deixá-la sozinha?

Seu pai estreitaram os olhos em alerta.

—Se isso for preciso. Será muito melhor do que sentar com a bunda esperando, que de um passe de mágica apareça alguém.

—Sentado no meu...

Era sua mãe, deu um suspiro engolindo o resto.

—Eu estive trabalhando o meu largo traseiro, tentando obter este centro médico em seus pés, além da prática como veterinário, que você abandonou para trás quando você dois saíram correndo para o Arizona.

Seu pai resmungou, e Alex sentiu seus olhos irem para lobo quando ele deu um passo a frente com raiva.

—Alex, Tom.

Sua mãe ficou entre eles, com as mãos estendidas para mantê-los separados.

—Ambos, encobrem suas bestas. Agora.

Alex girou, com as mãos segurando a cabeça, chocado com o quão próximo ele esteve de contestar ao seu próprio pai. Tentou lembrar-se que este era o seu pai, e que ele estava lidando com um homem que ele tanto amava e altamente respeitava. No fundo, podia ouvir a sua mãe murmurando para seu pai, mas deliberadamente bloqueou o que ela estava dizendo. Alex se concentrou no ar da noite fria, a neve no chão, e a lua crescente pouco visível acima da linha das árvores.

Ele inalou profundamente, inspirando os aromas da noite. Qualquer coisa para acalmar seu besta. Lentamente os seus olhos mudaram, e suas garras se retraíram. Os músculos de seus ombros soltaram. Uma mão macia pousou em suas costas.

—Alex, sabemos que este é um tema difícil. E é por isso que os anciãos vieram até nós. Por favor, veja que temos os melhores interesses, seu e do bando no coração. Talvez você possa abaixar algumas defesas. Se você não precisa ir até elas, eu tenho certeza de que as fêmeas elegíveis estariam dispostas a vir aqui até você. Todos nós estamos pedindo que você faz mais do que está fazendo agora. Relaxe os seus padrões um pouco.

—E ainda tem mais: Se você não encontrar uma companheira para você em breve, os mais velhos vão fazer isso por você. —Acrescentou o pai com uma voz dura.

Sabendo que qualquer resposta que ele tivesse, neste momento, prejudicaria o seu relacionamento com seus pais, Alex tirou a mão de mãe e saiu correndo até a estrada em direção a floresta, arrancando suas roupas enquanto corria.

—Alex!

—Deixe nosso filhote ir. Ele tem muito para pensar. —Disse o pai.

Não havia nada em que pensar. Ele sabia o que queria e se recusava a se contentar com menos. Ele teria a sua companheira de verdade ou não acasalaria com ninguém. Ele facilmente se transformou e correu pela noite. Ele pegaria o carro depois.

FIM



Visitem nossos blogs:

RomantiCon

<http://romanticonlivroshot.blogspot.com/>

Calientes

<http://ebookshotmell.blogspot.com/>